



UNILAB
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

SECO BRAIMA SEIDE

ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E CULTURAL DA ETNIA BALANTA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

SECO BRAIMA SEIDE

ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E CULTURAL DA ETNIA BALANTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Marcio André de Oliveira dos Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S46o

Seide, Seco Braima.

Organização social, política e cultural da etnia Balanta / Seco Braima Seide. - 2017.
56 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Márcio André de Oliveira dos Santos.

1. Balanta (Povo africano). 2. Etnologia - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 966.5

SECO BRAIMA SEIDE

ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E CULTURAL DA ETNIA BALANTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 24/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Marcio André de Oliveira dos Santos – Orientador

Doutor em Ciência Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Rafael Palermo Buti – Examinador

Doutor Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Ismael Tcham – Examinador

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Dedico este trabalho aos meus pais, Narcisa Monteiro e Serifo Braima Seide, por terem me apoiado diretamente na minha formação. Aos meus familiares, Andala Seide, Mariama Seide, Alcidia Monteiro, Elizabete Monteiro, Sara Luiza Monteiro, Martinho Monteiro, Nelido Monteiro, Servola Brandão e Salimata Seide, Nael Cassama, Tairo Cassama, Celestino Correia, Albate Monteiro, Armandinho Correia, Jalcira correia, Julcira Correia e os demais restantes familiares. Aos meus amigos, Aila AntonioGomes, Agostinho da Silva, Mamadú Baldé, Isna Gabriel Sia, Danilo Mussa Fafina, Virgílio Morais Pereira Sanca, Emilio Mário Té, Aldan Colla Ié, Jorgito Tomás Cusna, Vitor Cassama, Alassana Dem, Sene Injai, Eurizando Gomes Caomique, Emo Monteiro, Vladimir Renato, Braima Seide, Suleimane Alfa Bá, Moacir Armando Soares da Gama, Solange Cabral, Martinho Fonseca Munica, Nivaldo Casimiro Ié, Taiane Oliveira Silva... Especialmente para Tainara Oliveira Silva. Por fim a todos estudantes, professores e amigos da UNILAB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus pai, por ter me proporcionado a vida e saúde; e aos meus pais, por terem me dado oportunidade de viver nesse mundo.

Agradeço o corpo universitário por ter contribuído na minha formação, amigos, familiares, especialmente para Márcio André na qualidade de orientador, Danilo Mussa Fafina por ter me ajudado desde início do meu trabalho com opiniões aplausíveis e Isna Gabriel Sia por ter me ajudado com referências bibliográficas.

Em particular a UNILAB, por me capacitar conhecimentos e visão crítica sobre o mundo em especial a posição e atitudes afirmativas que posso tomar sendo um negro com orgulho, que antes eu não possuía essa capacidade analítica das coisas, tendo em conta de onde eu vim, onde tudo aparece de forma europeizada parecendo que a Europa é o centro do universo.

De forma geral agradeço o governo brasileiro pela essa iniciativa de criar uma Universidade Internacional de Integração entre os países da Lusofonia, que permite trocas de conhecimentos e visões culturais entre estudantes de diferentes países, em especial para Luís Inácio da Silva por ser o protagonista na criação dessa universidade e o seu grande partido PT.

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente” (HAMPATÉ BÁ; KIZERBO, 1982).

RESUMO

Este trabalho trata de descrição da formação social e política da etnia BALANTA, e algumas manifestações culturais da mesma. Com objetivo principal em descrever as dinâmicas sociopolíticas e culturais, identidades culturais e ritos de iniciação. A metodologia usada consiste em pesquisa etnográfica, levantamento de dados, leitura de livros que narraram sobre esse tema e entrevistas informais e semiestruturadas. Os principais resultados obtidos mostram a conservação cultural no que diz respeito ao desempenho, contribuição do indivíduo dentro da sociedade, cumprimento das etapas de formação social e respeito ao legado político. Apesar de misturas culturais hoje vivenciado o BALANTA ainda mantém conservado a sua cultura crença e respeito ao mais velho. O BALANTA ainda continua crendo no Deus N'GHALA independentemente de terem contatos com outras religiões principalmente católica e islâmica, o N'GHALA ainda permanece vivo no espírito BALANTA. Por fim, espero que esse trabalho contribua para a disseminação da cultura dos BALANTA.

Palavras-chave: Balanta. Fó. Formação social e política. Kpal. N'ghala.

ABSTRACT

This paper deals with the description of the social and political formation of the BALANTA ethnic group, and some cultural manifestations of it. With main objective in describing the sociopolitical and cultural dynamics, cultural identities and initiation rites. The methodology used consists of ethnographic research, data collection, reading of books that narrated on this topic and informal and semi-structured interviews. The main results show cultural conservation in terms of performance, contribution of the individual within the society, fulfillment of social formation stages and respect to the political legacy. Despite cultural mixes nowadays experienced the BALANTA still keeps his culture maintained belief and respect to the eldest. The BALANTA still continues to believe in God N'GHALA regardless of having contacts with other religions, mainly Catholic and Islamic, N'GHALA still lives in the BALANTA spirit. Finally, I hope that this work will contribute to the dissemination of the BALANTA culture.

Keywords: Balanta. Fó. Kpal. No'gala. Social and political formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa político da Guiné-Bissau	14
Figura 2	<i>NBIFULA SON</i> : trabalho doméstico das meninas na 1ª fase etária	26
Figura 3	<i>NBIFULA NDAN</i> : trabalhos agrícolas das raparigas na 2ª fase etária	27
Figura 4	<i>SADE</i> : preparação do sal	28
Figura 5	<i>NDOLO</i> : atividade da mulher anciã	29
Figura 6	<i>BIDON NI ÑARE</i> : crianças da 1ª fase etária responsáveis da manada	30
Figura 7	<i>NGWAC</i> : jovem da 3ª fase etária com símbolos da sua fase	32
Figura 8	<i>NKUUMAN</i>	33
Figura 9	<i>N'HAE</i>	34
Figura 10	<i>BLUFU NDAN</i> : candidato à circuncisão com traje completo	35
Figura 11	<i>FO ALANTE DAN</i> : grupo de “homens completos” recém circuncisados	36
Figura 12	<i>KPAL</i> : ritual do casamento: momento dos ensinamentos	50
Figura 13	<i>TOKA-CHORO</i> : ritual funerário	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PANORAMA E MARCOS HISTÓRICOS DA GUINÉ-BISSAU	14
3	ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DA ÉTNIA BALANTA	19
3.1	ORGANIZAÇÕES POLÍTICA DA SOCIEDADE BALANTA	19
3.2	ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA ETNIA BALANTA	23
3.2.1	FASES DA VIDA DE UMA MULHER BALANTA	26
3.2.2	FASES DA VIDA DE UM HOMEM BALANTA	29
3.3	ARROZ NA SOCIEDADE BALANTA	37
4	A CULTURA BALANTA	42
4.1	RELIGIÃO BALANTA	44
4.2	FÓ-FANADO (CIRCUNCISÃO)	46
4.3	KPAL (CASAMENTO)	49
4.4	DANÇA-FESTA TRADICIONAL (KUSSUNDE)	50
4.5	TOKA CHORO (RITUAL DEPOIS DA MORTE)	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa etnográfica, de um tema pouco estudado na academia pelos antropólogos, espero que essa minha contribuição sirva para o despertar dos acadêmicos em relação a esse tema, a fim de conhecer mais profundamente a diversidade cultural, social e político da etnia BALANTA, e ao mesmo tempo, que esse trabalho ajuda na expansão da cultura BALANTA, a fim de ser estudado como se estuda a cultura de outros povos, exemplo de povos egípcios, gregos, romanos e assim por diante.

Este trabalho busca descrever a forma como os BALANTAS se organizam socialmente e culturalmente segundo as suas normas e tradição, também traz bibliografias que mostra a diferença no contexto organizacional política dos BALANTA; analisa também o impacto da globalização as mudanças e mutações que essa cultura no termo geral vem sofrendo, e ao mesmo tempo também traz os costumes que permaneceram intactos nessa cultura, como o caso de ritual do FANADO, rituais funébrs e casamento.

A problematização do trabalho é a seguinte: como se deu a formação da sociedade BALANTA? Como é feita os rituais de casamentos, circuncisões, rituais fúnebres e composição familiar? Em que medida os BALANTA se organizam politicamente?

A partir das bibliografias que falam sobre organização política dos BALANTA, mostra a sua diferença com relação a outras etnias existentes na Guiné-Bissau, e essa questão ainda é muito problemática nas vivências acadêmicas, que é o fato dessa etnia ser considerados como a etnia que apresenta a organização política horizontal, onde a finalidade da sociedade é decidida em coletivo.

Este trabalho é de em suma importância, pois ela traz descrição sobre organização sociopolítico e identidade do povo BALANTA, e sua contribuição pelo enriquecimento cultural do país (Guiné-Bissau).

Nota-se que o tema é pouco estudado escolhi dar minha contribuição pelo país, trazendo este tema à tona dentro de uma Universidade Federal e Internacional. Particularmente o trabalho me ajudou a saber sobre as coisas que eu não sabia sobre essa etnia da qual sou descendente. E espero que a minha contribuição seja eficaz.

O trabalho foi baseado na pesquisa quantitativa e qualitativa, através de levantamento de dados, leitura de livros, artigos, monografias, links que narraram sobre esse tema e por fim, entrevistas com pessoas que vivenciaram tais culturas.

O objetivo geral do trabalho é analisar a organização social dos BALANTA em seus territórios e seus valores culturais e religiosos. Descrever os valores socioeconômicos dos BALANTA.

Objetivo específico é analisar as identidades culturais e ritos de iniciação. Descrever as dinâmicas sociopolítica da mesma.

O trabalho está estruturado em três grandes capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo demonstrei um breve panorama sobre a Guiné-Bissau, os principais acontecimentos que marcaram a história do país antes do período colonial até período pós-colonial.

O segundo capítulo trata de organização social e política da etnia BALANTA. No primeiro momento trata-se de organização política, como se dá o sistema político dentro da sociedade BALANTA. No segundo momento dirige-se à organização social, subdivisão da etnia BALANTA, as fases de integração de uma mulher e homem BALANTA, a importância de arroz na sociedade BALANTA: sua produção, valorização e por último o impacto da globalização sobre essa prática.

Terceiro e último capítulo fala sobre cultura BALANTA, que aborda especificamente sobre religião dos BALANTA, as formas como eles cultuam seu DEUS (NGHALA) e surgimento de movimento religioso KY-YANG-YANG, movimento de mulheres inconformados, ritual de circuncisão (fó), sua importância na vida de um homem BALANTA, casamento (kpal), e sua importância na vida de uma mulher BALANTA, dança-festa tradicional especificamente KUSSUNDÉ, sua dinâmica e realização por último, ritual fúnebre TOKA CHORO.

2 PANORAMA E MARCOS HISTÓRICOS DA GUINÉ-BISSAU

Figura 1 - Mapa político da Guiné-Bissau



Fonte: Guiné-Bissau... (2014).

A República da Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental da África, faz fronteira sul e leste com República da Guiné-Conacry e norte com Senegal. Com superfície total de 36.125 km² e possui uma população de 1.530. 673 habitantes. É um país tropical com duas estações climáticas, seca e chuva, é um país rico em fauna e flora, possui mais de 90 ilhas e ilhéus com 8 regiões que são: Bafatá, Gabú, Bolama/Bijago, Cacheu, Biombo, Oio, Quinará e Tombali além de Setor Autônomo de Bissau (SAB), onde concentra o poder administrativo do país.

Apesar de Guiné-Bissau ser um país pequeno, ela contém várias diversidades culturais que são apresentadas por diferentes grupos étnicos nela existente. Etnias estas que são: Balanta, Papel, Mandjaco, Mancanha, Mandinga, Fula, Biafada, Bijagó, Felupe, e muito mais... Vale a pena ressaltar que tem algumas etnias que estão em extinção ou absorvidas

pelas outras, que é o caso de Padjadincas que hoje em dia apresentam como Mandingas ou Fulas por conta da religião que todos seguem, que é Islão.

Como a história conta, a Guiné-Bissau já tinha populações antes da chegada dos Portugueses, que segundo Augel (2007, p. 51), “a história da região que hoje corresponde à Guiné-Bissau quase se confunde com os dos reinos Mandingas. Os Mandingas, etnia muçulmana, vindos do alto Niger, constituíram o Império do Mali e estendiam-se por uma imensa área na parte ocidental interior africana”.

Essa invasão Mandinga se deu numa das áreas que atualmente faz parte da Guiné-Bissau, lá construíram o famoso o Império de Kaabú. O Império de Kaabú resistiu até 1867 sob o comando dos Mandingas até a conquista de Kansala (capital) pelos Fulas, como conta Lopes ([200-?] apud AUGEL, 2007, p. 51):

Os Mandinga, vindos do interior da África, expandiram-se através de invasões, submetendo pouco a pouco outros grupos, deslocando-os para costa e impondo sua supremacia. O poder desses povos islâmicos conheceu o apogeu nos séculos XIII e XIV, dominando várias etnias que cultuavam os antepassados e as força da natureza, povos que praticavam um regime comunitário acéfalo, sem poder estatal, sem hierarquias, e que guardaram, apesar de tudo, suas culturas originais (como os Balanta, os Mandjaco, os Bijagó), ou em parte também se islamizaram, com foi o caso de Beafada. Essa grande influência ou, em alguns casos, até mesmo absorção, é conhecida como malinkização ou mandinguização. Nos séculos XV e XVI, começou a expansão dos povos Fula ou Fulbe (chamados pelos ingleses de Fulani e pelos franceses de Peul), igualmente muçulmanos, que até o século XVIII estavam sob a dominação mandinga. Espalharam-se pela Guiné, principalmente durante o século XIX, sobretudo depois da conquista de Kansala, em 1867, destruindo o reino Kaabú e estabelecendo a supremacia dos Fula na região.

Reforçam Silva e Santos (2014, p. 21):

O que é hoje a Guiné-Bissau terá presumivelmente integrado um dos grandes reinos sudaneses designadamente o império do Gana, ou de um dos seus muitos estados vassados, cujo núcleo central se situava numa vasta região mais a leste entre o Mali e a Mauritânia, com capital em Kumbi-Salé, na orla do deserto do Saara. O império do Mali, outro estado sudanês foi um dos sucessores do império do Gana. No século XII, o rei do Mali, Sundiata Keita trata-se-a convertido ao islão. Os mandingas do império do Mali expandem-se então para oeste e terão chegado ao território da Guiné, nesta altura. Toda a região passou a ser reino tributário daquele império sob a designação de Kaabú.

Essa foi um dos primeiros marcos da história da Guiné-Bissau, que foi antes da chegada dos portugueses.

Em 1446 foi a data do primeiro registo dos portugueses na costa da Guiné, com a chegada de tripulação comandada pelo Nuno Tristão, que depois foi morto pelos Mandingas, próximo do rio da Gâmbia (SILVA; SANTOS, 2014, p. 23).

Segundo Augel (2007, p. 56), “em 1603, alguns missionários capuchinhos iniciaram seus trabalhos de conversão ao cristianismo (o primeiro “M” de KI-ZERBO) entre os habitantes de Bissau (que na época eram os Papel). No começo a situação era inversa entre os Papel e Portugueses, inclusive tem relatos que confirmam tais acontecimentos daquela época,

Durante um largo período (a partir do século XV até sobretudo a metade do século XIX) foram os portugueses que pagaram tributos e outras taxas aos monarcas locais, inclusive uma taxa de residência. Os Papel (ou Pepel), habitantes da região de Bissau recusavam sempre qualquer submissão, não se tendo considerado nunca súditos do regime invasor (AUGEL, 2007, p. 56).

Essa mesma resistência se dava em outras partes do país, exemplo dos Bijagós, que foi liderada pela Rainha OKINKA PAMPA, que segundo Augel (2007, p. 58) “esse povo não se dobraram tampouco à dominação portuguesa, a legendária Rainha contínua presente na memória dos guineenses como um baluarte contra domínio colonial”.

Ressaltam Silva e Santos (2014, p. 27-28):

Os ataques das diferentes tribos autóctones eram uma constante. Tinha de se estabelecer de acordos com os régulos locais, para se garantir uma paz, a todos os títulos, precária. Em finais do século XVII, registram-se revolta dos Mandingas em Farim e dos Papeis, comandados por Incinha Té, na ilha de Bissau. Em meados do século XVIII, vários navios portugueses apontam a Bissau e pela terceira vez tentam construir a fortaleza. Os confrontos com os Papéis que se opunha a tal desígnio foram violentos, até que finalmente o rei dos Papeis assina paz com os portugueses e é dado consentimento formal para a construção da fortaleza.

Segundo Augel (2007, p. 54), “somente a partir do primeiro terço do século XX, é possível considerar-se a existência real de um domínio português na Guiné, isso foi somente depois da segunda guerra mundial, o começo da verdadeira política de colonização portuguesa”.

“A província da Guiné-Bissau deu-se como verdadeiramente pacificada depois da submissão do régulo de canhabaque, dos bijagós, em 1936, período esse que começou desde 1915”, segundo Silva e Santos (2014).

Nos anos 1913-1915, marcou-se o período mais crucial na questão de pacificação do país. Esse processo durante esses anos foi comandado por um comandante cruel português, João Teixeira Pinto que invadia aldeias, com seu exército e queimava tudo que lá existia.

Com tudo isso desencadeou uma revolta da parte dos nativos, “até que em 1940 surge no interior da província o primeiro movimento político de contestação, denominada por MLG (movimento para libertação da Guiné), movimento este que foi a base da criação do futuro

PAIGC (partido africano da independência de Guiné e Cabo-verde)” (SILVA; SANTOS, 2014).

A partir deste movimento político (MLG), surgem outros como a FLING (frente da libertação para independência da Guiné) más só que este foi fundada por outra finalidade como conta Silva e Santos:

A FLING - frente da libertação para independência da Guiné, resulta de uma fusão de forças que apelavam a uma autonomia exclusivamente constituída por guineenses. Já nessa data era patente existirem tensões insanáveis entre guineenses e cabo-verdianos, pela questão de ser 75% dos funcionários coloniais caboverdianos (SILVA; SANTOS, 2014, p. 34).

Vem surgindo muitos outros movimentos exemplo de PAI (partido africano para independência), MING (movimento para independência nacional da Guiné), MLGCV (movimento da libertação da Guiné e ilhas de Cabo-Verde), até que em 1956, Amílcar Cabral e mais cinco compatriotas fundam o verdadeiro PAIGC.

Amílcar Cabral foi o líder, o ideólogo, o diplomata, o organizador e o estratégia militar que se impôs no PAIGC, sem qualquer discussão logo nos anos de 1950. E contestável que tenha estado na reunião que diz ter sido fundado o PAIGC, em 1956. Alguns investigadores dão como provado que foi nesta data 19 de setembro de 1956, que foi fundado em Bissau, o PAI, com Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral, Júlio de Almeida, Fernando Fortes e Elisée Turpin, verdadeiro embrião do PAIGC (SILVA; SANTOS, 2014, p. 35).

O principal motivo que desencadeou a luta armada se deu em 3 de agosto de 1959 em porto de Pindjiguiti organizada pela UNTG (União Nacional dos Trabalhadores Guineenses). A reivindicação dos estivadores pelo aumento salarial que acabou num repressão violento da parte dos portugueses, houve dezenas de mortes e número elevado de feridos. O PAIGC como partido tomou sua posição, em três tentativas de acertar um acordo pacífica com o governo português na altura comandada pelo Salazar. Frisam Santos e Silva:

Em outubro de 1960, o PAIGC dirigiu uma declaração ao governo português reivindicando a autodeterminação da Guiné e de Cabo-Verde, propondo negociações desse objetivo por meios pacíficos. Salazar não respondeu, e os movimentos da libertação passaram a ser tratados como “organização terroristas a soldo de potências estrangeiras. Na conferência de Londres de 1960, movimentos de libertação de colónias portuguesas partiu apelo ao governo português, para aceitar negociações, deixando bem claro que caso contrário seria a via da luta armada” (SILVA; SANTOS, 2014, p. 37).

Continuam:

Em 13 de outubro (1961), Amílcar Cabral subscreveu uma carta aberta ao governo português, chamando atenção para o fato de o PAIGC ter já iniciado ações diretas tendo em vista libertar os povos da Guiné e Cabo-Verde do colonialismo, mas considerando que seria melhor para as autoridades negociarem à mesa autodeterminação e a independência, sugerindo mesmo que nessas negociações se deviam estabelecer bases de cooperação sincera e mutuamente válida” entre ambos países (SILVA; SANTOS, 2014, p. 38).

Todas essas tentativas de negociação não foram acudidas por parte do governo português, “dir-se-á que o período de 1961 e 1962 se caracterizou pela tentativa de negociações com o governo português, essas tentativas que foram através da ajuda internacional e dos diferentes movimentos de libertação espalhadas pela África, exemplo de realização de conferência de organizações nacionalistas das colônias portuguesas na Casablanca (Marrocos) em abril de 1961, que se repetiu meses depois em Dakar” (SILVA; SANTOS, 2014).

Como escrevem Silva e Santos (2014, p. 38), “logo em 1961, as ações da responsabilidade do MLG que atacou São Domingos e Suzana e que vandalizou a zona turística de Varela”.

A luta de libertação nacional começou em 23 de janeiro de 1963, segundo relatos foi nesse dia que se sentiu o primeiro disparo, feito por Arafan Mané em Tite zona sul do país. A luta decorreu por 11 anos, com o apoio do então presidente Sekou Turé de Guiné-Conacry (país vizinho já liberto da colonização), o PAIGC montou uma base militar dentro do território conacry-guiné. Em 1974 Guiné-Bissau proclamou sua independência na medina de Boé, através duma carta de declaração lida por então presidente de assembleia nacional João Bernardo Vieira. Só no ano seguinte que o Portugal veio a reconhecer a independência da Guiné-Bissau em 10 de setembro de 1974, quando se deu revolta de cravos em Portugal e o fim da ditadura Salazarista.

A partir dessa data pode se firmar o começo de pós-colonialismo, onde se montou um estado livre de colonização portuguesa. A história da guiné depois da independência não mudou muito, porque até hoje nenhum presidente ou governo cumpriu seu mandato no total, sempre houve golpes de estado orquestrados por políticos e executados pelos militares.

O primeiro presidente da Guiné-Bissau foi o Luís Cabral e o primeiro-ministro foi Francisco Mendes, essa formação do governo deu-se durante a luta de libertação, composta pelo peso da hierarquia existente no seio do PAIGC. Os cargos governamentais foram distribuídos baseando na contribuição na luta armada e política para independência.

O primeiro golpe de estado se deu sete anos depois da independência (1980), liderada pelo João Bernardo Vieira que na época exercia função de chefe do governo devido ao assassinato do Francisco Mendes. João Bernardo Vieira vulgo Nino, na posição de soldado tinha maior influência no quartel em relação ao presidente Luís Cabral, com isso não foi difícil derrubar o então presidente, alegando a crise econômica no país.

Nino assume presidência com controle total do país, a quem disse que Guiné saiu de “Salazarismo para Cabralismo de Cabralismo para Ninismo”, assim sucessivamente. O país continuou com mesma história de golpes até os dias atuais sendo uns dos países mais pobres e instável do mundo.

3 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DA ÉTNIA BALANTA

3.1 ORGANIZAÇÕES POLÍTICA DA SOCIEDADE BALANTA

A etnia BALANTA, diferente das outras etnias existentes na Guiné-Bissau, é considerada uma etnia que apresenta uma organização social político horizontal, ou seja, não dispõe de um líder que controla todo o poder na sociedade, o régulo. Nas sociedades BALANTA, não existe um único chefe hierárquico que regulamente as regras de funcionamento da sociedade, como se verifica em outros grupos étnicos de Guiné, por exemplo Fula, Manjaca, Mandinga assim por diante. A esse respeito, conta Amílcar Cabral:

A análise da situação social na Guiné serviu de base a nossa luta de libertação nacional. Devemos fazer distinções entre diversas situações, sem, no entanto, as opormos. Assim, no campo, encontramos, por um lado, o grupo que consideramos como semifeudal, representado pelos fulas e, por outro lado, o dos Balantas, que chamaremos sociedade “sem estado”. Existem diferentes situações intermediárias entre estes dois grupos étnicos extremos. Desta forma, existe entre os animistas no seio dos quais se encontra uma coincidência entre semifeudalismo e islamismo e nenhuma organização do estado – um grupo étnico, os Manjacos, que, aquando da chegada dos portugueses, já mantinham relações que se poderiam classificar como feudais (CABRAL, 1984, p. 3).

Continua o autor:

Entre os Balantas, no polo oposto, encontramos uma sociedade completamente desprovida de estratificação e onde só o conselho dos velhos da tabanca ou de conjunto de tabancas pode tomar decisões relativas a vida dessa sociedade. Para eles a terra e propriedade da aldeia, mas cada família recebe uma parcela necessária a sua subsistência; os meios, ou melhor, os instrumentos de produção pertencem quer a família quer ao indivíduo (CABRAL, 1984, p. 4).

Se formos ver o sistema social da etnia BALANTA, comparado com o sistema social dos Fula, onde os chefes, no caso os nobres, aparecem em primeiro lugar; depois o corpo religioso; seguida dos artesões e comerciantes ambulantes e, finalmente, os camponeses, confirma (CABRAL, 1984, p. 3), veremos claramente uma divisão hierárquico entre Fulas, na posição vertical, diferentemente do sistema social Balanta que é horizontal, onde todo chefe da família tem voz perante situações enfrentadas pela sociedade.

Nas sociedades verticais, o sistema hierárquico de divisão de poderes só privilegia e favorece um pequeno grupo detentor do poder.

Drif (1990, p. 96) afirma que:

A sociedade BALANTA-BRASSA não possui classe ou castas. A hierarquia é baseada na idade e no sexo. A tomada de decisões tem lugar ao nível coletivo. Não existe nada semelhante a um rei nem sequer um chefe de aldeia, embora o Estado colonial português tentasse criar esse estatuto.

Comungando da mesma ideia, Silva e Santos (2014, p. 52) ressaltam que:

Por constituir uma sociedade horizontal, o grupo étnico BALANTA se apresenta como o mais democrático em comparação aos outros que vivem no país, uma vez que todos são iguais na sociedade [...], BALANTA são povos mais democráticos da Guiné, vivem em diversas povoações independentes entre si, não têm constituição política e nem reconhecem chefes de espécie alguma, cada BALANTA é unicamente chefe da sua família.

A citação demonstra que na sociedade BALANTA ninguém se submete a alguém, pois todos exercem poder, sem estabelecer hierarquias, tanto que esse tipo de comportamento lhe deu a fama de povo resistente, daquele que não se submete. Essa resistência foi vista na época colonial, em que os BALANTA saíram conhecidos como umas das etnias que não aceitaram se submeter aos colonizadores portugueses, como afirmação de resistência, de não submissão. Amílcar Cabral, na sua obra (UNIDADE E LUTA), ao retratar a questão da união nacional para dar cabo ao colonialismo português, destaca a importância da organização social dos BALANTA no combate ao jugo colonial, afirma:

Nesta sociedade do mato, grande número de Balanta pegou a arma, e não é por acaso, não é porque Balantas são melhores que outros. É por causa do tipo da sociedade que eles têm sociedade horizontal (rasa), mas, de homens livres, que querem ser livres, que não têm nenhuma opressão em cima, a não ser opressão dos tugas. O Balanta é ele e o tuga por cima dele, porque o chefe que lá está o Mamadu (aliados dos portugueses, maioria pôs dos casos são Fulas e Mandingas), ele sabe que não é nada seu chefe, foi tuga que os pôs lá (CABRAL, 1984, p. 12-13).

De acordo com Cammilleri (2010, p. 37), “a história do povo BALANTA/BRASA evidenciou a bravura demonstrada por esta sociedade para defender o seu território geográfico como espaço necessário para viver em dignidade, harmonia e liberdade, pressupostos indispensáveis à vida humana”.

O próprio pai e fundador da nacionalidade guineense reconheceu que BALANTA são povos rebeldes e que não admitem a dominação, segundo ele:

A fácil adesão dos BALANTAS à Luta de Libertação Nacional deve-se essencialmente à forma como a sua sociedade se encontra organizada, isto é, na base da justiça e da igualdade social; uma sociedade desprovida de estratificação e onde só o Conselho dos Velhos da tabanca ou de conjunto de tabancas pode tomar decisões relativas à vida dessa sociedade, onde a terra é propriedade de aldeia, mas cada família recebe uma parcela necessária à sua subsistência (CABRAL, [199-?] apud CARDOSO, 1990).

Para esse povo, a injustiça social é inadmissível, pois todos prezam pelo bem social dos indivíduos que compõem essa sociedade. Esse povo é caracterizado pela sua bravura, aliás, é por conta da sua rebeldia que originou o seu nome atual BALANTA, que em língua mandinga, numa tradução livre, significa rebelde, resistente, bravo ou simplesmente aquele que não se submete.

Devido a invasão dos povos Mandingas de religião muçulmana, vindos do alto Níger constituíram o império do Mali e estendiam-se por uma grande parte ocidental africana (AUGEL, 2007, p. 51). A autora afirma que os Mandingas ao se depararem com os BALANTA (os Balantas se autodenominam Brasas, cujo significado remeta a bravura, corajoso, resistente...), e a forma de vida e organização social atribuíram a eles o nome de EBALANTA que significa homem rebelde, que não se submete de jeito algum, isso foi antes da chegada dos portugueses na costa da Guiné e esse nome tornou-se mais vulgar e acabou prevalecendo até dias de hoje.

Esclarece Carreira ([200-?] apud SIGA, 2015), “o nome dum povo é resultado de uma convivência com outros. O termo BALANTA significa revoltosos, os rebeldes, ou seja, os que não submetem de nenhum jeito”. Segundo Carreira ([200-?] apud CAMMILLERI, 2010, p. 15), o nome BALANTA já existia antes da chegada dos portugueses a GUINÉ-BISSAU, e para ele o nome teve a sua origem na língua “MANDINGO”, que se exprimia EBALANTA. Fazendo a decomposição da palavra ficaria: E (eles), BALA (negar), NTA (morfema repetitivo) = eles continuam a negar, a recusar.

Ainda sobre organização social deste povo, Cammilleri (2010, p. 36), no seu estudo sobre BALANTA, reforça a ideia de que “o sistema político BALANTA não é baseado numa

autoridade centralizada, representada por um rei ou régulo, mas sim, é representada e executada por um colégio e participado por todos chefes de família residentes na aldeia”.

Segundo o autor:

Este colégio é confiado a função de decidir e de mandar executar as decisões tomadas durante as suas reuniões relativas a vários problemas, resolver os conflitos internos e com outros povos vizinhos, definir os rituais que marcam o início dos trabalhos dos campos, decidir os momentos e as normas para a passagem de classe de idade e as cerimônias para afastar os males coletivos, declarar a guerra e tratar da paz e das alianças com outros grupos (CAMMILLERI, 2010, p. 36).

Vale ressaltar também que como se trata de uma sociedade democrática, a questão de gênero também merece atenção. Pois, não deixando de fora papel das mulheres na sociedade BALANTA, há organizações exclusivamente para mulheres, no caso, as mais adultas, chamada de FIERE APTE, que significa as que introduzem no mundo (por outras palavras na linguagem medicinal, parteiras). Isto é, trabalham como assistentes sociais no parto e na doença e no campo político, e cabe a elas controlar a autoridade dos conselhos dos anciãos. Segundo Callewaert (1995, p. 35):

A sociedade tradicional BALANTA está habituada a que sob circunstâncias especiais as mulheres, e unicamente as mulheres, formem uma comunidade que se exprime em atividades adivinhatórias, curativas, sacrifícios, rituais de imersão, resgate de almas as outras semelhantes. Isto pode ser caracterizado como uma manifestação feminina ocasional ou mais lateral, mais ou menos independente da estrutura simbólica masculina dominante.

Baseado nesse pressuposto, podemos afirmar que a sociedade BALANTA deu um golpe ao sistema radical machista, onde somente os homens decidem o rumo da sociedade. Nessa sociedade, verifica-se igualdade na questão de gênero sexual, porque há grupos de anciões e anciãs, ambos fazendo trabalhos, outrora, em conjunto para o bem-estar da sociedade. A participação da mulher e seu papel na sociedade BALANTA foi ressaltado por CABRAL na sua obra (A arma da teoria), “a mulher participa na produção, mas é proprietária do que produz, o que lhe confere a uma situação privilegiada, pois a sua liberdade é efetiva”, essas características como podem ver, não se verifica em outras etnias como por exemplo os Fulas, “entre os fulas, a mulher não goza de nenhum direito social, participa na produção mas não colhe os frutos. Por outro lado, a poligamia é uma instituição muito respeitada, sendo a mulher considerada de certa forma, como propriedade do marido” (CABRAL, 1984, p. 4).

3.2. ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA ETNIA BALANTA

A etnia BALANTA como a maioria das etnias guineenses apresenta o sistema familiar alargada, isto é, todos tipos de laços familiares são considerados importantes. Por isso, às vezes, se verifica uma tabanca (aldeia) em que todos os membros são da mesma geração, ou seja, todos têm algum grau de parentesco, por isso, a questão de familiaridade é muito valorizada:

O grupo BALANTA/BRASA, como aparece na nossa pesquisa, oferece-nos o exemplo de uma forte unidade cultural. A realidade família extensa (Qwam) é o lugar indispensável para resolver as necessidades primárias da vida, mas também para moldar a consciência social, onde se exercem os comportamentos da harmonia com os modelos éticos ditados pela tradição. Mesmo se um BALANTA passe a viver num meio urbano ou afastado de seu meio de origem, ele referir-se-á frequentemente aos seus modelos culturais não só como lembrança saudosa, mas sobretudo para conservar a sua identidade étnica que lhe tinha sido reconhecida depois de ter completado os rituais da iniciação (CAMMILLERI, 2010, p. 99).

Segundo Rith (2013), “a família significa laços de sangue, o sentimento de identificação, pela via de transmissão de imperceptíveis marcadores genéticos, que permitem, com segurança, quase científica, o estabelecimento da relação de paternidade ou maternidade de sucessivas gerações, determinadas pelos laços sanguíneos”.

Entre os BALANTAS, também, existem formas de estabelecimento e reconhecimento de relação de parentesco, tanto na linha reta, como na linha colateral. A sociedade BALANTA está dividida em dois grandes grupos: o grupo KUNTWE e o NHACRA (BUUNGE). Os BALANTA de KUNTWE são mais sedentários em relação aos BUUNGE.

Os mais autênticos são os BKUNTOE, dos quais os BUUNGE se separam devido às migrações. De fato, ao termo singular UNGE, plural BUUNGE, corresponde o nome de um pássaro migratório, que aparece em grandes bandos no tempo de amadurecimento do arroz (CAMMILLERI, 2010, p. 33).

Segundo relatos, os BUUNGE são descendentes do lado paterno do povo BEAFADA, que é outra etnia da GUINÉ-BISSAU.

No que tange à questão da organização de moradia a etnia BALANTA, tanto como outras etnias vivem nas suas tabancas, porém de uma estrutura organizacional que permite melhor controle entre os membros da comunidade, os BALANTA agrupam suas casas uma próxima de outras que formam tabancas (aldeias), que são chamados conjuntos de *moranças*.

Moranças, por sua vez, são conjuntos de casas numa determinada família (na maioria dos casos com mesmo sobrenome). Essas casas são construídas a volta da casa do mais velho da *morança*, deixando um espaço sagrado no meio, onde ficam bois pertencentes a famílias e ao mesmo tempo, é o lugar do culto sagrado do *IRAN* (Ser Espiritual). Esse espaço, por sua vez, é denominado de *FIARÈ*, confirma Rith (2013).

Dentro da organização social do grupo étnico *BALANTA*, cada tabanca tem seus anciãos (um homem velho que já passou pelo processo de iniciação conhecido como fanado (circuncisão), vale ressaltar que nem todos que passaram por esse processo têm o mesmo direito no conselho de anciões, isto é, depende também da idade do indivíduo e ano que já passou após o processo. Como confirma David Soccio ([200-?] apud *CARITA*, 2004, p. 2):

Para os *Balantas* não existe um poder central. Em cada tabanca existem anciãos, ou seja, homens grandes, que já passaram pela iniciação que é ritual do fanado, e são eles que detêm a autoridade, mas não há um chefe. Existe ainda o conselho dos grandes, porém também ele carece de hierarquias, se bem que nem todos os que já foram ao fanado tenham a mesma autoridade. Isso depende também da sua idade, de há quanto tempo fizeram a iniciação e de quantos fanados já participaram.

O fanado é muito importante para um homem *BALANTA*, ou seja, é uma forma de ganhar prestígio nessa sociedade e ser respeitado em todas as esferas social, pois caso o indivíduo não passar por esse processo é sujeito a restrição de certas coisas, por exemplo, a não participar das decisões na cerimônia de “*TOCA CHORO*”, que é ritual fúnebre. Os considerados mais respeitados têm privilégio de serem servidos melhores (isto é, aqueles que já passaram pelo processo de fanado), em relação aos outros ditos “*NKUIMANS*” por outras palavras “*BILOFO*” que estão ainda nas etapas para chegar a esse processo. Entre eles, nota-se diferença tanto na forma de vestir como no comportamento, que mais adiante vamos retratar. Ainda no que tange à restrição aos indivíduos que ainda não cumpriram a iniciação, eles não podem participar na cavação para sepultar uma pessoa morta, e muito menos participar em tomada da decisão, o que constitui um tabu.

Na tradição *BALANTA*, *morança* é conjunto de casas de um grupo familiar aglomeradas num espaço, deixando um circo no meio onde são deixados pertences dos membros da família. Igualmente as outras etnias da Guiné-Bissau, os *BALANTA* também são poligâmicos, um homem pode-se casar com várias mulheres, dependendo da aceitação da primeira mulher e também da sua força produtiva (na lavoura) e os bens possuídos. Como explica Soccio ([200-?] apud *CARITA*, 2004, p. 3),

O homem toma seu lugar como grande guerreiro, a mulher divide com ele o poder pelo trabalho que realiza nas tabancas, tomando seu lugar como mãe que dá filhos. No entanto, as mulheres Balantas também têm os seus segredos e os chegam mesmo a ter poder de decisão no que respeita a vida delas na tabanca, sobretudo ao nível da sua casa. É a elas que cabe, por exemplo, a responsabilidade de arranjar outra mulher para o marido.

Diferentemente das filhas, os filhos BALANTA têm mais direito da casa, eles podem permanecer na casa do pai o tempo necessário até se casar e viver com a esposa ali mesmo, ao passo que as filhas não usufruem desse mesmo privilégio, tendo em conta que elas vão se casar, e, a partir do casamento, vão passar a fazer parte da família do marido. O mesmo acontece com seus filhos, um neto gerado por um filho nessa casa tem mais direito na casa do avô em relação ao neto gerado por uma filha da casa.

Para demonstrar sua identidade cultural, os BALANTA são reconhecidos pela forma como dão o nome aos seus filhos, para os BALANTA, os nomes não são escolhidos de forma aleatória, mas sim eles surgem dentro de um contexto para retratar um acontecimento. Eles aplicam o nome do filho dependendo da situação que a família está vivendo ou a tabanca que na expressão crioula se chama de “DITO”, um exemplo de nome MIDANA que significa (se conformar), esse nome normalmente se coloca ao indivíduo quando não houver um bom clima para cultivo da terra, como se sabe que a etnia BALANTA, como várias outras etnias da Guiné-Bissau que vivem no interior do país, sobrevivem da lavoura e criação de gado, ou quando ocorrer uma tragédia com a mãe que poderia interromper a gravidez ou sofrendo alguma retaliação da família por conta de gravidez indesejável. Mas antes de atribuição do nome, há um período de reflexão familiar para tomada de decisão sobre o nome da criança, como afirma Wangra ([200-?] apud CARITA, 2004, p. 5):

Quando uma criança nasce, seja ela mulher ou homem, não recebe de imediato o nome, há um período de reflexão por parte da família para atribuição desse nome, o que pode durar duas ou três semanas. Nesse período a criança sempre é apelidada de QUINHAU, ou seja, bebê..

A citação demonstra que um ser BALANTA, ao nascer, passa necessariamente por várias etapas da sua vida com as decisões que podem influenciar a sua vida e até interferir na sua personalidade.

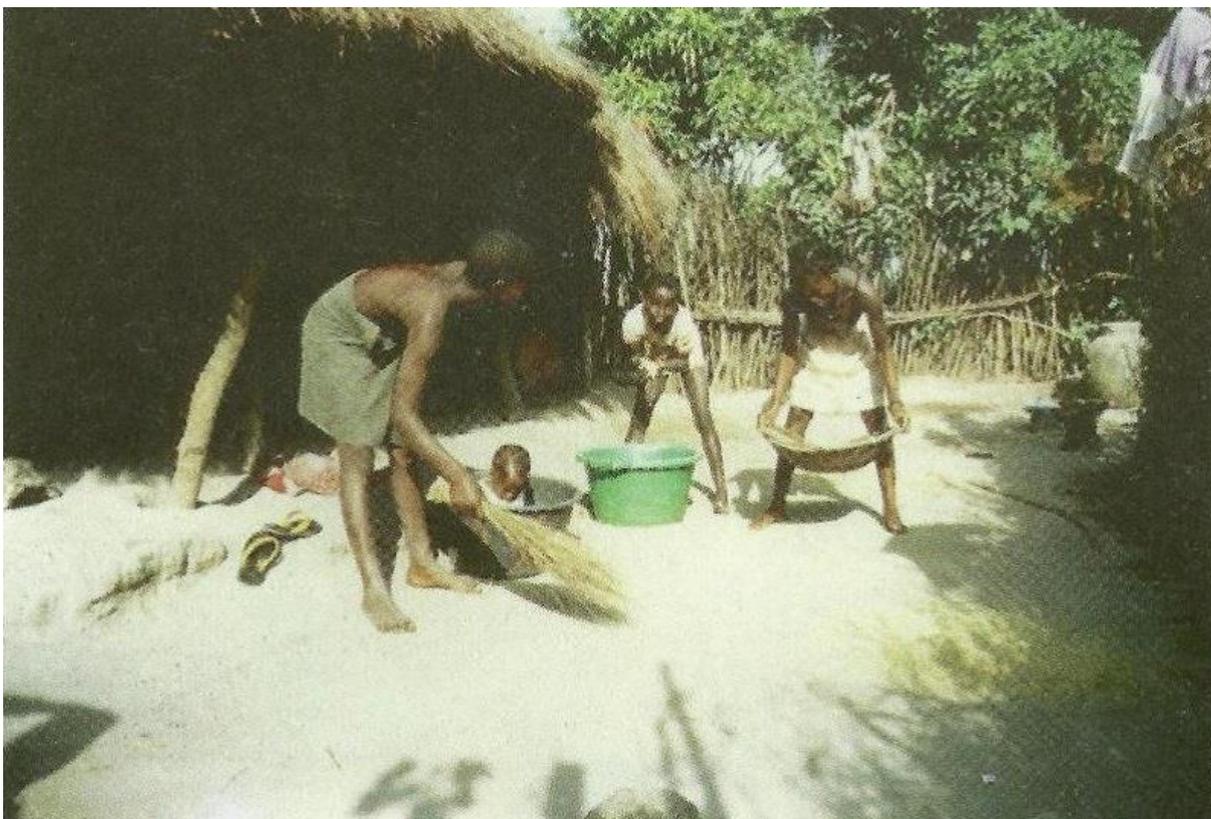
3.2.1 Fases da vida de uma mulher balanta

A partir do seu nascimento, um indivíduo BALANTA na sua fase de crescimento tanto do sexo masculino ou feminino é sujeito a passar por várias etapas sociais e rituais desde adolescência até idade considerado madura, no caso da mulher, o casamento e do homem, o FANADO.

Essas etapas da vida de uma mulher são divididas em seis (6) fases que a mulher passa para chegar a vida adulta:

Cammilleri (2010, p. 45) aponta que a primeira fase é dita de NBI FULA USOÑ, significa filha pequena que vai até os oito anos de idade da menina. Nessa fase, como é de se esperar, na convivência diária que ela aprende naturalmente a língua (BALANTA), e são ensinadas as normas que regem o comportamento na sociedade, coisas de vida e começa a aprender primeiras tarefas domésticas.

Figura 2 - *NBIFULA SON*: trabalho doméstico das meninas na 1ª fase etária



Fonte: Cammilleri (2010).

Já na segunda fase denominada de FULA NDAN, (pode ser interpretado como garota), começa na idade de 10 a 13 anos. Nessa fase, elas são transferidas a uma “segunda mãe”, por

assim dizer, que são as mestras, a fim de aprenderem a não se apegar a verdadeira mãe, (vale lembrar que acima citamos que as filhas não permanecem na casa do pai) adquirir espírito da sociabilidade, também existe outra finalidade além dessas duas que é o seguinte: essa FULA NDAN que vai agregar nessa nova família, se porventura, o chefe da família quiser casar com ela e, a dona da casa estiver de acordo, os dois se casam. Também por outro lado, se porventura, o chefe da família morrer, um dos filhos automaticamente deve casar a segunda mulher do pai, conhecido como herança da mulher do pai (no caso a FULA NDAN que veio fazer parte da família), porque ela já faz parte dessa família e não pode mais retornar para casa dos verdadeiros pais, como acima explicamos.

Figura 3 - NBIFULA NDAN: trabalhos agrícolas das raparigas na 2ª fase etária



Fonte: Cammilleri (2010).

A terceira fase que é IEGLE é a etapa mais importante porque é nessa fase que acontece os casamentos dito KPAL, que acontece entre os 13 aos 16 anos. O pai da menina é responsável por essa união fazendo um acordo com a família do rapaz, em que se estabelece união entre duas famílias.

Segundo Cammilleri (2010, p. 69), a mulher, mesmo que seja ainda IEGLE é considerada pelos BRASA a mais perfeita e completa do que homem que tenha ficado no estado de BLUFU ou de DONK, porque com ele, a noiva pode facilmente levantar a voz, provocá-lo e até ofendê-lo.

A quarta fase é dito de THATA, essa fase é depois do nascimento do segundo filho da IEGLE, fase anterior, também é a fase que a mulher exprime seus desejos, por exemplo, ir visitar parentes que moram longe em relação aonde ela morra. Esse desejo não pode ser refutado pelo próprio marido, isso mostra o sinal da independência da mulher BALANTA, de não ficar submissa a tudo que o marido dita. É nessa fase que as mulheres BALANTA passam a assumir a vida comunitária, ajudando em tudo que se faz na comunidade e ao mesmo tempo cuidando da família.

SADE é a quinta fase, que começa no início da menopausa, para essa fase a mulher assume papel de vigilância das crianças, e, além disso começa a participar na vida social e política (FIERE APTE, que acima citamos) da aldeia, também assume responsabilidade de realizar alianças matrimoniais.

Figura 4 - SADE: preparação do sal



Fonte: Cammilleri (2010).

Cammilleri (2010, p. 54) afirma que “A sexta e última fase começa depois que SADE começa a perder forças físicas denominada de ANIN NDOLO, nessa etapa ela é considerada “anciã”, já é avó ou bisavó. Por conta da sua experiência de vida e sabedoria, ela ganha muito respeito na comunidade, seus conselhos influenciam muito na vida dos mais jovens”.

Figura 5 - NDOLO: atividade da mulher anciã



Fonte: Cammilleri (2010).

3.2.2. Fases da vida de um homem balanta

Em paralelo às mulheres, os homens também, para chegar a vida adulta, passam por várias etapas de suas vidas para se amadurecerem. O homem é sujeito a passar por várias etapas para chegar a masculinidade, nesse caso, FANADO. Durante esse processo da formação antes da chegada do momento propício para FANADO, todos os homens são chamados de BLUFU BIDOKN como mostra Cammilleri (2010, p. 57), ele ressalta que, dentro desse conjunto, os homens estão divididos em diferentes grupos e idades antes de assumir as suas plenas responsabilidades familiares, sociais, políticas e religiosas.

A primeira fase da formação do homem é conhecida como BIDON NI ÑARE, que começa dos 6 aos 12 anos, nessa fase, a tarefa principal é cuidar dos animais da família, sobretudo pastorear os bois, uma vez que passam quase dia inteiro na mata fazendo esse trabalho. Como explica Cammilleri (2010, p. 58-59):

É tarefa destas crianças reunir as vacas por volta das sete de manhã, levá-las para uma determinada pastagem sempre dentro do território pertencente a aldeia (2/3 km de raio), vigiá-los para não caírem nos poços ou nas covas, impedir que sejam roubadas ou perdidas. Por volta do meio-dia, LEEM AF KO (sol sobre a cabeça), reconduzem a manada para casa para o bebedouro e descanso. Só nesta altura os pequenos pastores comem a sua refeição em casa. Nas primeiras horas da tarde (KIIDU KCIK) acompanham novamente a manada para as pastagens mais próximas por que ao pôr-do-sol, KIIDU KCIOLLE (tarde fria) todo gado deve descansar na PSANGE (estabulo de cada proprietário).

O próprio nome dado aos indivíduos nessa fase de vida sugere essa atividade, se se traduzir literalmente, o significado será pastor de boi. É nesta fase que estes pequenos pastores começam a aprender a lutar, a se defenderem. No decorrer desse trabalho eles mesmo organizam lutas entre eles.

Figura 6 - BIDON NI ÑARE: crianças da 1ª fase etária responsáveis da manada



Fonte: Cammilleri (2010).

NTHOK FOS (ascender os fósforos) é a segunda fase da formação de um homem BALANTA, de 13 a 15 anos, aqui eles assumem trabalho como mensageiro principalmente dos anciões e ajudam em vários serviços familiares que lhes permitem desenvolver-se fisicamente e socialmente, segundo Cammilleri (2010, p. 60), eles são reconhecidos especificamente pela forma de vestuário:

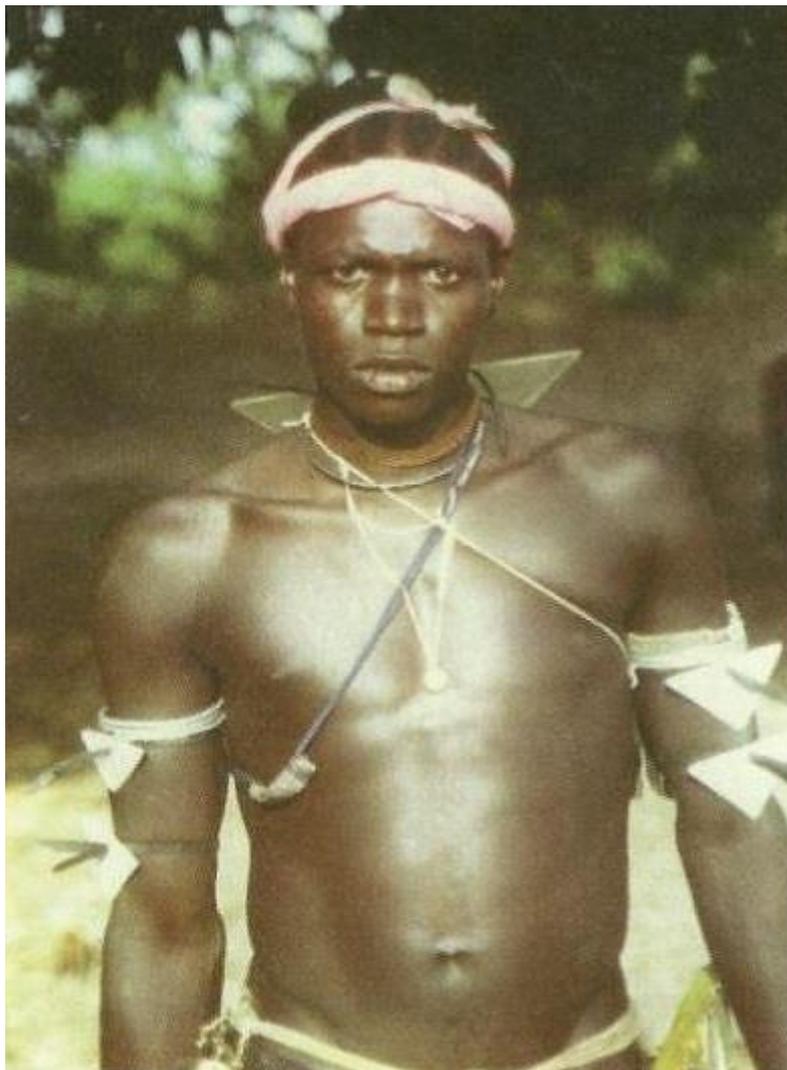
Séries de caixinhas de fósforos (fos) atadas à cabeça e aos braços; ornamentação dos calções com inúmeras tiras coloridas (KFETE) de cerca de 30 cm. As quais, todas juntas, formam uma pequena saia matizada de cores, pequenos espelhos (KBIN) e perolas também coloridas (NRAIA); ornamentação dos tornozelos com numerosas coleiras sonoras (THIGRE) feitas de caroços de mangas esvaziados e novamente enchidos de pedrinhas e fragmentos de vidro para assinalar a presença dos próprios NTHOK e sobretudo para reforçar a percussão rítmica dos pés durante as danças.

Ainda continua o autor:

Estão encarregues de procurar ou ir comprar no comércio petróleo e fósforos para garantir a iluminação durante a noite, tabaco para os anciões; e também de levar água, arroz e água ardente aos trabalhadores dos arrozais quando estes decidem ficar o dia todo a trabalhar sem voltar para comer em casa, vale ressaltar que os BALANTAS são conhecidos como etnia que mais consome bebidas alcoólicas, por último são enviados dos anciões para levar recados também de caráter confidencial a outras famílias ou pessoas (CAMILLERI, 2010, p. 61).

A terceira fase é considerada de NGWAC, com tanta habilidade em diversos trabalhos e a força física eles são responsabilizados pela navegação fluvial por meio da canoa “PSAE” que é construída por eles mesmo, que serve como meio de transporte para diferentes campos de arroz pertencente à mesma família, reforça Cammilleri (2010), estes são jovens de 15 a 18 anos. Eles sempre levam consigo uma faca como sinal de orgulho, de autossuficiência e de força, fazem viagens quer individual quer em grupo para visitar parentes e amigos de fora, que nem a mulher faz na sua quarta fase (THATA).

Figura 7 - NGWAC: jovem da 3ª fase etária com símbolos da sua fase



Fonte: Cammilleri (2010).

NKUUMAN aparece na quarta fase da integração, que inicia dos 18 aos 21 anos. Conhecidos pelas suas forças físicas capazes de cortar árvores grandes com simples machado sem prejudicar pessoas e bens, são eles as principais forças da lavoura. Nessa atividade, organizam competições em termo da velocidade no trabalho, ou seja, o grupo que vai terminar primeiro as tarefas.

Os indivíduos que estão nessa fase são reconhecidos pelo símbolo de tartaruga que, na língua BALANTA, é chamado de *nkubur*, que representa a resistência. Nas cerimônias, por exemplo, no enterro de uma anciã, eles mostram suas habilidades e força do braço, imobilizam os bois para serem sacrificados.

Estes NKUUMAN têm um chefe escolhido pelos BULUFU BINDAME (que constitui a última fase da formação antes da chegada a fase adulta, FO ALANTE NDAN),

esse chefe será aquele que possuir qualidades superiores para garantir a coesão e controle no grupo. E o grupo, por sua vez, têm o máximo respeito a esse chefe.

Os chefes levam consigo uma grande concha (TIFO) pendurada no pescoço que de acordo com Cammilleri (2010, p. 65):

O símbolo é associado culturalmente ao sentido arcano das coisas, das pessoas e dos acontecimentos, que vai além do mundo físico e faz entrever um mundo espiritual constituído pelas forças da fecundidade, da fertilidade e da harmonia entre tudo o que existe e acontece.

Figura 8 - NKUUMAN



Fonte: Cammilleri (2010).

A quinta integração é conhecida como N'HAE-NÑESS, estes se distinguem de todos os outros grupos, através da forma como vestem e se comportam perante o público.

Geralmente chega um momento nesta fase que esses jovens fazem um ritual em que organizam um retiro espiritual, eles se caracterizam por passarem argila ao corpo, utilizando colares nos braços, pescoço e na cintura, escolhem uma casa onde vão ficar por um período determinado, promovendo debates entre si, realizando visitas aos familiares sempre andam em grupo, e também são prestigiados em cerimônias de “toca choro” ou de casamento, como explica Cammilleri (2010, p. 66):

Costumam cobrir o corpo com argila ou com farinha de mandioca, levam ao pescoço, nos braços e nos pés, grossos anéis de cordas de fibras vegetais (IOC), a tiracolo um saco (BOTO) tecido com folhas de palmeira; andam sempre em grupo para atraírem a atenção sobre eles tocam continuamente um corno de búfalo (FTEM). É o grupo de jovens que mais vive unido e solidário de fato: dormem juntos numa casa (KUFE), vivem sempre à margem da família e da comunidade, e quando devem tratar com outros grupos lançam frequentemente mensagens preocupante e triste como por exemplo: “FIERE WO KI NIN”, (passa-se mal este ano!), e com fama de grandes comedores, qualidade bem expressa pelo ditado: “N’HAE MOM SEE KANTE RITH BOTO” que traduzido quer dizer: “O N’HAE está saciado quando, para além do estomago, tenha enchido também o saco que leva a tiracolo”.

São eles o grupo que faz trabalho mais pesado da comunidade, por exemplo, na ceifa de arroz, na construção da casa, vedações e limpeza do ambiente, e também são animadores nas cerimônias de toca choro.

Essa fase de N’HAE começa dos 21 anos e sai-se aos 24 anos, até então não são permitidos a casar-se e são afastados das mulheres. De acordo com Cammilleri (2010, p. 67):

Depois de dois anos, os N’HAE são convocados para uma assembleia na qual recebem orientações sobre a maneira de enfrentar a vida conjugal e suas consequências. A seguir cada jovem é feito o banho ritual na água dos rios próximos da aldeia. A partir deste momento os jovens podem ter relações sexuais ou casar de maneira não ainda oficial, porque reconhecimento público do casamento só poderá ser feito depois do cerimonial da circuncisão.

O N’HAE mesmo casado e ter filhos continua ainda sob o controle do chefe paterno da família até cumprir o ritual da circuncisão, aí se torna autônomo de si.

Figura 9 - N’HAE



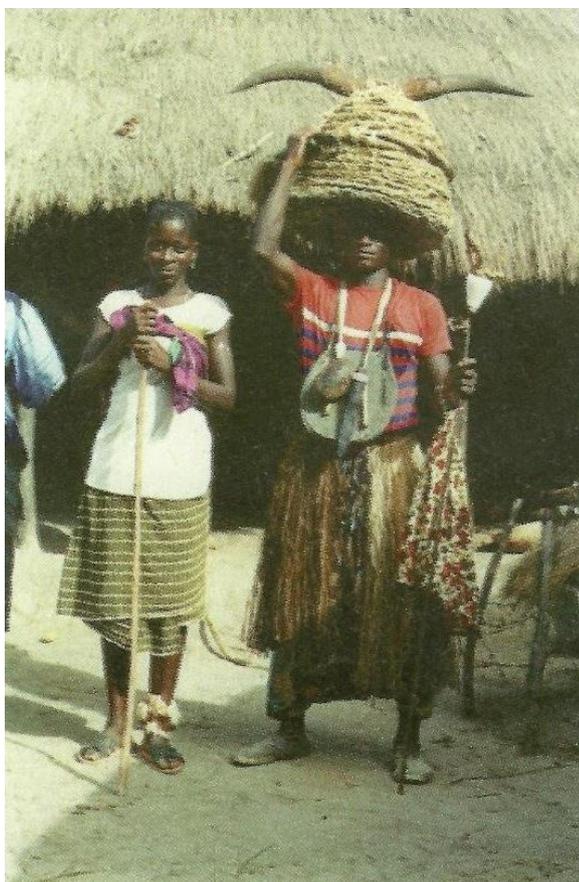
Fonte: Cammilleri (2010).

A seguir chega a fase pré-adulto, considerado como BLUFU NDAN, é a fase mais ou menos da autonomia do homem BALANTA nas normas tradicionais tanto das ordens dos anciões. Nesta etapa da vida, eles são mensageiros ou ponto de ligação entre os anciões que decidem as orientações da vida familiar e comunitária e os grupos de jovens que as devem executar, conta Cammilleri (2010). São eles os vigilantes das classes etárias intervindo junto dos chefes de grupo com conselhos nas dificuldades e reforçando a sua autoridade.

O BLUFU NDAN normalmente convive com uma mulher e tem filho que não pode ainda considerar como seus enquanto não for circunciso. Se houver algum problema relacionado com comportamento feminino e dos menores ele assume papel de advogado de defesa ou de acusação junto do conselho da aldeia. Cabe a ele também responsabilizar de toda a família na ausência do chefe da família (CAMMILLERI, 2010, p. 68).

Com toda essa responsabilidade, ele ainda é sujeito às várias restrições, por exemplo, não podendo ele participar no conselho e nem comer com os adultos (circuncidados) e ainda permanece a submissão do pai tanto nas questões políticas quanto econômicas.

Figura 10 - BLUFU NDANI: candidato à circuncisão com traje completo



Fonte: Cammilleri (2010).

Só na próxima fase FO ALANTE NDAN, ele vai poder gozar de vários privilégios.

Para ser considerado um homem adulto na sociedade BALANTA, o indivíduo precisa passar pelo ritual de FO, (que é a passagem da idade juvenil à adulta), que está incluído nesta sétima e última fase denominado de FO-ALANTE NDAN).

A considerada última fase para uma vida adulta BALANTA, aqui é a fase que o indivíduo pode passar pelo processo de circuncisão, para se considerar um homem adulto BALANTA. Esta cerimônia, que constitui o ato mais importante e solene da vida de um homem BALANTA, é revestida de extraordinário interesse, não só pelo exótico cerimonial que acompanha, como pelo fato de marcar, na vida deste grupo étnico, o termo da sua irresponsabilidade. Confere Callewart (1995, p. 83):

Isto é, a partir desta cerimônia que um homem BALANTA assume a maior responsabilidade, no caso deixa de fazer certas coisas que fazia antes no processo de formação e passa a ter outro papel dentro da sociedade, por outras palavras esse processo que dá o homem BALANTA a plena autoridade social e religiosa.

Figura 11 - FO ALANTE NDAN: grupo de “homens completos” recém circuncidados



Fonte: Cammilleri (2010).

É de extrema importância destacar que a função do TIO materno na sociedade BALANTA, como se verifica, o TIO materno assume um papel de protetor do SOBRINHO, até mesmo se formos fazer tradução direta do TIO materno na linguagem BALANTA, que significa YADA LANTE (que significa, na tradução literal minha mãe homem) isto é, ele vai

ter que protegê-lo em várias circunstâncias, um exemplo na cerimônia de FANADO (FÒ), o TIO servira como vigia para não acontecer nada de mal com o sobrinho, sabendo que esse processo de “circuncisão” dura meses e é feito na mata, daí é sujeito a vários perigos para vida humana.

O SOBRINHO, por sua vez, gozará de vários privilégios na casa do TIO, chega ao ponto até de ser “tratado bem mais que os filhos da casa”.

A sociedade BRASA continuou a conservar, até hoje, a sua identidade graças à sua organização social ordenada na base da divisão de grupos de idade para cada um dos dois sexos. As etapas de formação desses grupos, como resulta desta análise, oferece um exemplo de capacidade de integração social de todos os membros, adaptada às possibilidades físicas e morais dos indivíduos e as condições do meio. O segredo da eficácia deste sistema educativo reside na distinção e complementaridade das funções e das atividades que se atribuem e se exigem dos indivíduos dos diferentes grupos (CAMMILLERI, 2010, p. 79).

3.3. ARROZ NA SOCIEDADE BALANTA

Não se pode falar de organização social BRASSA sem destacar um elemento importante que é o ARROZ, que segundo HANDEM, foram os BALANTA os primeiros a cultivarem o arroz que é o alimento de base da população de GUINÉ-BISSAU, e ela por sua vez atribuiu o arroz o valor de identidade do BALANTA BRASSA. Como afirma autora Handem (1986), que não se pode evocar o nome de BALANTA sem se referir ao arroz que na língua BRASSA é chamado de “MAALE”.

D'Almada referiu nos finais do século XVI a abundância do arroz no canal do GEBA (2). Aliás, é frequente encontrar nos escritos coloniais, várias referências as qualidades dos rizicultores BRASSA. Em 1949, J.P. Garcia de Carvalho, chefe do posto administrativo de BEDANDA na região de TOMBALI, afirmou que os BALANTAS-BRASSAS eram “não somente a tribo cultivadora de arroz, mas também a que presta melhor a toda espécie de trabalho a que propomos realizar” (3). Instalados preferencialmente ao longo dos cursos de água e nas terras baixas, os BALANTAS-BRASSA ocupam, com efeito, principalmente a 3ª zona ecológica do país: a faixa costeira coberta de tarrafes e palmares, e que fica parcialmente inundada na estação das chuvas, pois os camponeses BRASSA cultivam o arroz inundado ou irrigado. Reconhecidos peritos na matéria, desde a época colonial, trabalham frequentemente nos terrenos conquistados ao mar por meio de barragens. (HANDEM, 1986, p. 56).

Conta Meillassoux ([198-?] apud SIDERSKY, 1987), retomando uma sugestão de MARX, afirma que “a terra pode ser considerada meio de trabalho quando ela se “torna produtiva mediante um investimento em energia”. Esta observação nos pareceu extremamente pertinente no que diz respeito aos arrozais dos rizicultores do oeste africano: a preparação de

um arrozal em terra de mangue exige uma grande quantidade de trabalho. Como o campo produz, sem interrupções, durante muitos anos, sabemos que se trata de um verdadeiro investimento (SIDERSKY, 1987, p. 24).

Antes do cultivo do arroz, primeiramente fazem um ritual pedindo proteção e que tenha muita chuva e prepara-se o terreno que futuramente vai ganhar nome de BOLANHA, segundo IMBALI, entre os BALANTA e a BOLANHA existe uma ligação quase orgânica, existem com efeito, três tipos de relação com a terra: religioso, social e econômico:

No plano religioso: a terra, e nomeadamente as BOLANHAS no nosso caso, é no plano cosmológico uma entidade natural espiritual. Ela é fonte da vida e os laços que o homem tece com ela passam necessariamente pela mediação dos gênios e dos ancestrais de quem procede a sua poderosa fecundidade, é por isso que não é possível apropriar-se dela como se fosse um objeto. No plano social e ético: a terra não existe na singularidade isolada da relação que o homem estabelece com ela. Entre os BALANTAS, o indivíduo não existe na singularidade isolada e abstrata, mas na sua participação em diferentes grupos: de parentesco e aliança, de idade, de localidade e de vizinhança...Das diversas funções que assume decorre o seu estatuto, isto é, o conjunto dos seus direitos e deveres recíprocos corresponde as diversas posições que ele ocupa. No plano econômico: a terra é antes de tudo um modo de subsistência fisiológico, a fonte principal de rendimento monetário dos BALANTAS estudados (IMBALI, 1992, p. 15).

É de costume os BALANTA morarem nas margens do rio tendo em conta a essa prática de produção arrozal. Primeiramente, é feita a aquisição da terra, a sua estrutura e divisão com o rio ou mar por meio de uma ponte. Explica melhor Handen (1986, p. 58):

O processo de produção é complexo porque comporta diversas etapas de trabalho. Os BRASSAS fazem, antes de mais, os trabalhos de dessalinização do terreno conquistado ao mar por meio de “QUIDIDE” (barragem). Para isso, eles constroem uma barragem semicircular, paralela ao braço do mar e diversos diques perpendiculares, cujo dupla função de impedir a invasão da água salgada e de evitar o esgotamento das águas das chuvas. São construídas a partir duma armação de madeira feita de estacas solidamente ligadas por lianas e cobertas de lama. Esta técnica rizícola, igualmente usada pelos outros grupos sociais costeiros, mobiliza todos os habitantes da aldeia.

Vale ressaltar que essa barragem vai desempenhar um papel importante para o crescimento do arroz plantado, esse canal que liga a BOLANHA e o mar será fechado na época chuvosa e depois aberto para retirar essa água até chegar ao nível exato para o melhor crescimento do arroz. Esse trabalho é feito pelos mais velhos de diferentes famílias proprietários do terreno.

Mas o trabalho não para por aqui, depois de o terreno estiver pronto começa a lavoura que é feita duma RADI na linguagem BALANTA (KIBINDE), uma pá longo de madeira no

final com uma lâmina de ferro, e esse trabalho e esse trabalho é executado por camadas mais jovens em colaboração com adultos mais jovens da aldeia. Depois dessa fase, faz-se cimenteira que é feita por ambos os gêneros (feminino e masculino). Resumindo, o trabalho completo é feito com colaboração feminino tanto masculino, conta Handen (1986, p. 60):

É um processo de trabalho que é, alternadamente, masculino e feminino. Compreende uma cooperação simples intrafamiliar. Os homens lavram o campo da casa, arrancam e enterram as ervas e as mulheres semeiam o arroz lançado ao solo. Passado 30 ou 40 dias, nos finais de agosto, as plantas do arroz são transplantadas para BOLAÑA. O trabalho de transplante é efetuado pelas mulheres, que podem ser auxiliadas pelos homens se estes tiverem terminado o trabalho de lavoura dos campos destinados às culturas pluviais. A sementeira do arroz exige um trabalho minucioso e penoso. As plantas do arroz são enterradas uma a uma, com ajuda de um pau bifurcado.

Depois disso, continua o de transplante de arroz para BOLANHA entra a fase de vigia para não ser estragado pelos animais ou aves, testemunha Handen (1986, p. 60):

Quando transplante termina, os camponeses têm que cuidar e vigiar a cultura. Trata-se então de lutar contra toda a gama de animais destruidores, insetos, roedores ou pássaros e contra as ervas daninhas. Precisam igualmente de vigiar o nível da água e controlar a resistência dos diques. Nesta fase, todos os membros da UFE são mobilizados. As crianças, raparigas e rapazes dos seis aos quatorze anos, tratam de afastar os animais devastadores e de proceder a capinagem monda das ervas daninhas. São ajudados neste trabalho pelos pais quando são poucos numerosos. O controle da resistência dos diques é da responsabilidade dos mais velhos dos adultos. Quando se verifica um dique cede sob a pressão das águas, todos os aldeões, homens e mulheres, vêm ajudar a família vitimada, a efetuar uma rápida reparação.

Depois a última fase pertence a colheita, que decorre no mês de dezembro ou janeiro dependendo da variedade do arroz semeado, feita pela camada juvenil, é aqui que ocorre a competição da velocidade de diferentes grupos de jovens. Utilizam uma faca ou uma foice para executar o tal trabalho (HANDEN, 1986, p. 61).

Nesta fase, os membros da família são, de novo todos mobilizados. À medida que são cortadas, as espigas de arroz são dispostas em montes nas bordas da BOLAÑAS, pelas mulheres e cobertas de palhas pelas crianças e pelos anciões, para as proteger dos pássaros (HANDEN, 1986, p. 61).

Com essa precisão e capacidade que os BALANTA possuem em detrimento desse trabalho fez Handen (1986, p. 63) afirmar que,

O Agricultor BALANTA arassa dispõe efetivamente conhecimentos empíricos que lhe permitem determinar, com uma precisão que derrotou já mais do que um técnico nacional formado na escola ocidental: a data das primeiras e últimas chuvas; a

qualidade dos terrenos propícios à rizicultura; o volume e a precisão das marés e, enfim, o tipo de exigências das diferentes sementes.

Para reforçar essa afirmação traremos um exemplo feita pela mesma autora que foi o seguinte:

Um agrônomo chinês especialista da cultura do arroz de inundação, vindo cooperar na GUINÉ-BISSAU, declarou, após uma estadia de alguns meses em território arassa, não ter nada, ou quase nada, a ensinar e estes rizicultores (HANDEN, 1986, p. 63).

Este sistema de rizicultura que exige a intervenção de muitas pessoas de diferentes idades e sexo, resulta eficiente porque é-lhe garantida uma organização segura e eficaz transmitida de geração em geração. Certo é que o homem BRASSA ignora as noções científicas e os cálculos de engenharia moderna, mas ao seu favor jogam os ensinamentos da natureza que fala por sinais (CAMMILLERI, 2010, p. 31).

Continua a autora, “o arroz continua a ser, no entanto uma preocupação constante do camponês BALANTA. A vida social, assim como a organização econômica do povo BALANTA são dominadas pela preocupação relativamente à produção rizícola”, todo o processo fúnebre, que é importante para sociedade depende da produção de arroz (MAALE), nota-se que para além de arroz ser um alimento importante, interfere também nas manifestações socioculturais do povo BALANTA (HANDEN, 1986, p. 64).

Esse trabalho (cultivo de arroz) é feito em conjunto, em que participa mulheres, homens e crianças, como explica E. Terray ([198-?] apud HANDEN, 1986, p. 62):

A organização arassa no trabalho de “MAALE” traduz consequentemente três tipos de cooperação, a primeira é restrita a nível só de uma mesma morança, que reúne um só grupo de trabalho, no caso pertencentes a esta mesma morança; a segunda vem a cooperação alargada que reúne a colaboração de pessoas da outra morança de um ou de dois sexos (masculino/feminino); e a terceira e última vem da questão de parentesco que é realizada através de relações sociais de produção assim para estabelecer reciprocidade entre segmento dum mesmo clã.

Essa produção de arroz na sociedade BALANTA antes não era feita somente para fins lucrativos, mas sim para demonstrar prestígio da família quanto a força do trabalho. Cammilleri (2010, p. 65) conta que “uma família chega a acumular uma grande quantidade de arroz e de gado, sente-se obrigado a demonstrar o seu prestígio pondo a disposição de todas as pessoas de qualquer aldeia da zona, uma parte do arroz e do gado acumulado”. Reforça essa ideia Imbali (1992, p. 4), “a título de exemplo é preciso dizer que os comportamentos dos produtores BALANTA não se definem exclusivamente em função dos critérios econômicos de rentabilidade monetária”.

Continuando, o mesmo autor, revelando o comportamento desse povo que pelas obrigações sociais, a partir do momento que arroz é o transportado para casa, começa-se, logo, a sua distribuição, que é feita em função da quantidade colhida e da generosidade do camponês, isto é, quanto mais uma pessoa der, melhor se falará dela e maior será seu prestígio (IMBALI, 1992, p. 11).

Explica Imbali (1992, p. 11):

Os amigos ou todas as pessoas que participaram no trabalho, salvo os parentes, recebem sem reclamarem (por delicadeza) aquilo que o proprietário ou a sua primeira mulher lhes darem;

As parentes (irmãs, primas, sobrinhas...): esta categoria reclama por direito uma parte da produção, mesmo que não tenha participado no trabalho. Como parentes elas têm o direito a tomar a quantidade que julgarem suficientes sem que o proprietário tenha o direito de impedi-las de o fazerem.

O arroz assim tomado pelas parentes será levado para casa dos seus maridos sem que estes tenham direito sequer a um quilo. Em geral este arroz é vendido, e com o dinheiro assim obtido elas compram, na maioria dos casos, panos que servirão para as futuras cerimônias funerárias em casa dos seus pais, no sítio onde foram colher arroz. Isto talvez explique a atitude passiva do proprietário face às suas parentes no momento da distribuição do arroz.

E este arroz ao mesmo tempo serve como meio de troca (comércio), para mulheres. É por meio-desse comércio que as mulheres compram as próprias roupas, para os filhos e assim como para o marido. É de salientar que a riqueza de uma mulher BALANTA mede-se em função do pano que possui (IMBALI, 1992, p. 12).

Já para questões de trocas econômicas e a sua evolução para a economia do mercado, segundo Imbali (1992, p. 13), até uma data bem recente (início dos anos 80) não havia praticamente atividades comerciais entre os BALANTA da zona estudada, em que o dinheiro entrasse como intermediário principal, isto é, os produtos eram trocados pelo arroz, em outras palavras, arroz era a moeda principal. Continua Imbali (1992, p. 13) “com a expansão do mercado esta situação evoluiu, embora timidamente, já que até hoje a maior parte das transações praticadas entre os BALANTA faz-se sem passar pela moeda”. Para os BALANTA, a prática comercial significava a procura de riqueza individual. Ora, isso é contrário às regras de funcionamento da sua sociedade. Esta rejeitava ou simplesmente marginalizava quem tentasse essa prática (IMBALI, 1992, p. 12).

Uma outra coisa também importante a ser ressaltada, é sobre a criação de gado, antes o gado era criado para fins tradicionais, exemplos como nas cerimônias de “TOCA CHORO”, matrimônio, festas tradicionais e assim por diante, mas hoje em dia, nota-se uma mudança de comportamento nas sociedades BALANTA, em que podemos dizer que o impacto dos valores

modernos, principalmente do capitalismo está contribuindo para essa mudança. Atualmente, nas sociedades BALANTA, as vacas são vendidas e o mesmo acontece com o arroz, nota-se menos uso generoso dele nas festas como acontecia antes.

Esse incidente afeta muitas práticas culturais que antes se fazia sempre, exemplo de festa de KANTA PO que não se verifica frequentemente como se verificava antes, porque nela era utilizado muito arroz para satisfazer a aldeia, outro caso também de festa de KISUNDE que já não tem mais a mesma frequência nem mesmo impacto entre os jovens, pois nota-se um enfraquecimento da identidade cultural por conta desses aspectos. Hoje em dia, os jovens preferem dançar BROKSA que é uma mistura de dança moderna com tradicional que praticamente não implica despesas como os dois acima citados (IMBALI, 1992).

Resumindo, para fechar sobre questão de arroz como um elemento crucial na sociedade BALANTA, nota-se que desde o começo da preparação de sua produtividade um aspecto importante que é a questão de coletividade. Esta coletividade está presente em tudo que é feito na sociedade BRASSA.

4 A CULTURA BALANTA

O termo cultura que significa “cultivo” em latim vem sendo discutido desde antiguidade até dias de hoje, no que diz respeito aos usos antropológicos, cultura é todo modo de vida de uma sociedade construída, em geral, de um modo idealista fundamentando-se em significados, valores e assim por diante. Segundo filósofo Gyorgy Lukács ([198-?] apud LARAIA, 1986), cultura é todo conjunto de produtos e capacidades de valor que são dispensáveis em relação a manutenção imediata da vida (verbete extraído do dicionário do pensamento Marxista).

Para Edward Tylor ([198-?] apud LARAIA, 1986) (XIX), cultura é todo complexo do conhecimento e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso todo comportamento aprendido de modo independente da questão biológica.

Assim como Laraia (1986, p. 48) traz esta temática da discussão sobre o conceito da cultura. Segundo Kroeber ([198-?] apud LARAIA, 1986), o conceito de cultura que pode ser ampliada relacionada nos seguintes pontos:

1. A cultura, mais que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.
2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou.
3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico.
4. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra seu habitat.
5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que agir através de atitudes geneticamente determinadas.
6. Como já era do conhecimento da humanidade desde o Iluminismo, é este o processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional.
7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.
8. Os gênios são indivíduos altamente inteligentes que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor, construídos pelos participantes vivos e mortos de seu sistema cultural, e criar um novo objeto ou uma nova técnica. Nesta classificação podem ser incluídos os indivíduos que fizeram as primeiras invenções, tais como o primeiro homem que produziu o fogo através do atrito da madeira seca; ou o primeiro homem que fabricou a primeira máquina capaz de ampliar a força muscular, o arco e a flecha etc. São eles gênios da mesma grandeza de Santos Dumont e Einstein. Sem as suas primeiras invenções ou descobertas, hoje consideradas modestas, não teriam ocorrido os demais. E pior do que isto, talvez nem mesmo a espécie humana teria chegado ao que é hoje (LARAIA, 1986, p. 48-49).

Estes oito (8) pontos mostram o quão são vastos os aparatos que podemos atribuir ao conceito da cultura. Eis outro conceito que Laraia apresenta concordando com vários autores como, Shalins, Harris, Carneiro, Rappaport, Vayda e outros, apesar destes apresentarem fortes divergências entre si:

Cultura são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 1986, p. 59).

Para W. Goodenough ([198-?] apud LARAIA, 1986, p. 61), “cultura é um sistema de conhecimento: “consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro da sua sociedade”. Para Claude Lévi-Strauss ([198-?] apud LARAIA, p. 61), “ cultura é um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana”.

Cultura, sendo ela integrante de todos os costumes, identidades e visão sobre o mundo de qualquer sociedade, nos permite diferenciá-la de acordo com a sociedade que pretendemos estudar, para isso trataremos algumas diretrizes da cultura BALANTA.

Quanto a cultura BALANTA, faremos um recorte onde vamos falar de certas atividades que decorre dentro desta sociedade tais como: sua religião, casamento, circuncisão, festas tradicionais (KUSSUNDÉ E KANTA PÓ) e cerimônia de TOKA CHORO.

4.1 RELIGIÃO BALANTA

Desde primeira dinastia Egípcia, existia religião ou crença, um exemplo disso é a forma que esse povo temia a deusa MAAT no que diz respeito a culto dos mortos. MATT era deusa que julgava os mortos, a partir dessa crença um egípcio obedecia tudo quando é a regra baseado nessa crença, para depois não sofrer sentenças da deusa MAAT depois da morte. Também na Grécia antiga existiam oráculos que eram consultados por certos assuntos. (GAUDIUM SCIENDI, NÚMERO 6, 2014).

Na sociedade BALANTA, tudo que se faz primeiramente é feito um ritual de consulta às forças sobrenaturais, para pedir que essa coisa seja do jeito que foi proporcionado, isto é, no cultivo de arroz (que é uma coisa primordial na sociedade BALANTA), na cerimônia de FANADO, no casamento, nas festas e tudo que se pode realizar para o bem-estar da sociedade.

A religião BALANTA conta com uma figura conhecida como N'HAALA=DEUS, chefe máximo espiritualmente. A cosmo visão BALANTA sobre as questões religiosas estão ligadas aos seus ancestrais, tanto que na sociedade BALANTA, uma pessoa morta ainda faz parte da família e a sua presença chega através de deus N'GHALA, como conta Cammilleri (2010, p. 99):

Uma das palavras mais repetidas pelos BRASSA é: N'HALA que indica o Ser Supremo, que é em si mesmo a razão da sua existência e da sua ação, que é a origem dos outros seres que compõem o universo; a expressão "N'HALA IAN KITTE MINA" (N'HALA fez sair todas as coisas) é, para os BRASSA, sinônimo de Deus criador.

Por outro lado, há também, a figura de IRÃ, que serve como intermediário com N'HAALA. O IRÃ, por sua vez, é consultado tanto para coisas de mal quanto para coisas do bem.

Normalmente, cada família BALANTA tem seu IRÃ, que é representado através de esculturas, que tem função de proteger essa tal família. Segundo Rith (2013):

No meio do pátio comum, localiza-se um templo sagrado (“FRAM”). Trata-se de uma construção de pequena dimensão, de forma circular, que simboliza a Morada de Deus, no seio da família grande, que se invoca para obtenção de determinadas benesses, como a boa colheita agrícola, a cura de um familiar doente ou regresso com saúde de familiar ausente.

Em contrapartida, presta-se o culto sagrado, através de oferendas do melhor que a família tem: pode ser uma galinha, morta com esse fim, cujo sangue é espargido, no templo, abrindo-se uma pequena porta, tal como se oferece comida, à base de arroz e bebida (aguardente de cana).

Em 1984, espalhou-se por todo lado a notícia sobre o aparecimento no sul do país de um grupo de mulheres que se decidiu refugiar-se nas matas, que futuramente esse acontecimento depois se transformou numa nova religião BALANTA, que foi denominado por Ki-Yang-Yang, como conta Cardoso (1990).

Tudo aconteceu devido às preocupações de mulheres que estavam inconformados com os acontecimentos que repetiam dia após dia naquela época, que envolvia doenças, mortes dos filhos. É de extrema importância explicar que, nas sociedades Africanas, há personagens que são atribuídos o poder de feiticeiros, e estes feiticeiros são pessoas que supostamente possuem poderes de fazer mal contra outra pessoa. Portanto, nessa perspectiva, esse movimento deu-se por conta disso, as mulheres BALANTA reclamavam de existir, na comunidade, pessoas com essas habilidades (feiticeiro), e estão a usá-las para o mal da sociedade, daí que resolveram ir para matas. A história desse ocorrido deu-se por conta de uma mulher chamada N'TOMBIKTE, e esse acontecimento ocorreu nas zonas de CATIÓ, sul da Guiné-Bissau, onde reside grande número de BALANTA.

Segundo a narrativa N'TOMBIKTE recebia mensagens de N'GHALA (DEUS), esta mensagem, entre outras coisas, dizia o seguinte: “As pessoas doentes merecem um tratamento, que deve ser feito com plantas medicinais, deve-se eliminar os feitiços (símbolos feiticistas) (CARDOSO, 1990, p. 3).

Só para esclarecer, nas sociedades étnicas, a cura de maioria das vezes é feita através de plantas medicinais. Cardoso, ao retratar desse assunto, afirma que:

Segundo a lenda, o deus N'GHALA ordenou-lhe que mudasse o seu nome de N'TOMBIKTE, que na língua BALANTA significa “olhei e vi” para KI-YANG-YANG (sombra). Na altura das perseguições (coloniais), a aldeia de N'TOMBIKTE fora destruída, o que obrigara sua família a emigrar. Anos mais tarde, depois do seu casamento e de acordo com a tradição BALANTA, N'TOMBIKTE foi morar na aldeia do seu marido, DJIU DE N'FANDA, situada a uns 10km da capital provincial, CATIÓ. Durante muitos anos N'TOMBIKTE não procriou, e foi obrigada a fazer uma cerimônia na aldeia do pai.

Depois desta cerimônia regressou a DJIU DE N'FANDA. Em julho de 1983 N'TOMBIKTE adoeceu e visitou por vários IRÃS, na tentativa de descobrir as

causas da doença e encontrar remédios para sua cura. Um ano mais tarde perdeu a sua única filha.

Foi neste período de profundas agitações que N'TOMBIKTE foi “chamada” pelo deus N'GHALA a divulgar seus preceitos, procurar raízes medicinais e curar doentes (CARDOSO, 1990, p. 5).

Esse movimento é tido também como outra religião dos BALANTA. Ainda sobre a religiosidade do povo BALANTA, existe na sua sociedade personagem chamando “DJAMBAKUS”, estes são pessoas que “têm poderes de regatar as pessoas no mundo do além”, para ser mais claro e detalhado, normalmente quando uma pessoa adocece na sociedade BALANTA, a família vai com ela consultar DJAMBAKUS, (como acontece nos mundos “modernos”, o doente é levado para médico a fim de fazer diagnóstico e saber a origem da doença), que vai com ajuda de seus IRÃS saber a origem da doença e forma como curá-la, que na maioria das vezes a cura é feita com medicamentos tradicionais, que nem acontece no grupo (movimento) Ki-Yang-Yang.

A mulher e o homem BRASA adultos tornam-se capazes de atuar no domínio religioso quando sabem tratar KBELE NI SIE (kabás do adivinho) isto é, o recipiente que contem pedrinhas ou pequenas conchas, ou outros pequenos objetos que, percutidos em partes do corpo, ou agitados e lançados ao chão, emitem sons e distribuem-se com formas que o adivinho sabe interpretar. O SIE, do verbo sua (esconder), é a pessoa que vê realidades escondidas a todos os outros e com elas comunica, mas SIE é também curandeiro, o sábio e o habilidoso. Por todas essas características o SIE por meio de KBELE não só descobre as causas dos problemas e dos males que afligem as pessoas a família e até os animais, mas têm também a sabedoria para resolver os problemas e as capacidades mágicas de curar os males, inspirando-se nos antepassados com os quais comunica, manipulando elementos da natureza com propriedades medicamentosas, apaziguando as forças vitais e os espíritos que possam ter provocado os males ou empurrando-os contra quem tivesse provocado grandes males ou constitua um perigo para a comunidade e os seus membros (CAMMILERI, 2010, p. 84).

Estes personagens sempre são consultados em qualquer que seja acontecimento do mal ou distúrbio que pode causar danos para sociedade.

4.2 FÓ-FANADO (CIRCUNCISÃO)

FÓ, como desde início, viemos mostrando sua importância na vida de um homem BALANTA, ele é um ritual e ao mesmo tempo uma festa para o indivíduo que vai passar pelo seu processo, é a fase que um homem BALANTA vai ter mais autonomia e mais respeito na sociedade. Conforme Camilleri (2008 apud SIGA, 2015):

A ideia fundamental da iniciação é de dar aos jovens a formação necessária para se tornarem adultos. A passagem da infância à maturidade realiza-se através de um contrato com antepassados das famílias, entrando o noviço em relação com os espíritos dos antepassados que o mantém como criança, ele renasce adulto e capaz de gerar (SCHRTZ, [200-?] apud CAMMILLERI, 2008, p. 38).

O FANADO é um processo crucial na vida de um homem BALANTA, é a fase que um BALANTA pode comandar a sua própria família (mulher e filhos) sem depender do seu próprio pai.

Como conta Cammilleri (2010), toda mulher BALANTA sente-se orgulhosa de pertencer a um ALANTE NDAN, homem considerado adulto, completo e capaz de assumir responsabilidades e ser independente dos outros. Uma coisa importante a ser ressaltada é o seguinte: é no FANADO que um homem BALANTA pode fazer seus pedidos, por exemplo, construção de uma casa, realização de uma festa exclusivo a ele, um terreno e assim por diante, os familiares por sua vez, juntam o dinheiro a fim de realizar esse tal desejo. Normalmente, os moradores do interior do país é que fazem pedido da construção de uma casa, porque lá tem terreno (espaço) familiar que não vai ser comprada, ao passo que na capital do país é ao contrário.

O ritual FÓ, por sua vez, também serve como base para autenticação da sexualidade do indivíduo, e o mesmo também acontece com as mulheres até na fase de IEGLE, isto é, o casamento que vai decidir a sua sexualidade feminina, conta Cammilleri (2010, p. 71):

Na cultura BRASA só o homem adulto é membro efetivo do povo, o jovem, mesmo fisicamente maduro e tecnicamente formado, é considerado bissexual, isto é, não ainda identificado na função vital que lhe é própria. Como para a mulher da classe IEGLE, ela também bissexual, o ritual do casamento KPAL serve para separar os sexos: deixar o masculino e assumir o feminino, assim também para o homem o ritual FÓ determina-o exclusivamente como “macho” a nível sexual.

O processo de FÓ ocorre democraticamente a partir da vontade do indivíduo, por outras palavras ninguém é forçado a cumprir esse processo, cabe ao indivíduo mostrar seu interesse pelo tal, e também ao mesmo tempo ele tem todo direito de recusar a participar nesse processo, pode ser por questões de doença ou questões emocionais (de sentir medo pelo que acontece durante o processo), esclarece Cammilleri (2010, p. 76):

É convencimento comum entre os anciãos BRASA que o homem verdadeiramente adulto e livre sabe dominar seus sentimentos e as suas reações em qualquer circunstância, se não conseguir isso, será sempre considerado como criança fácil ao choro, aos caprichos e a só seguir os instintos naturais. Por esta razão pode-se compreender o dito “BLUFU DA FLUMI DA KO”, isto é, “o jovem não tem culpa porque não tem controle de si mesmo”.

Como acima falamos, o FÓ é um processo crucial na vida de um homem BALANTA, e é raro acontecer a recusa de um indivíduo participar nesse evento. Segundo Cammilleri (2010), após este ritual, o LANTE passa a ganhar mais respeito e consideração na sociedade, isto é, assume oficialmente o papel de guia nos trabalhos da casa e do campo, passa a participar nos conselhos de anciãos e, por fim, adquire poderes paterno, administrativo, político, militar e religioso.

Nesse processo, participa-se o mestre cerimonial, que tem papel de executar a própria prática circuncisiva; e tem outro personagem denominado de LAMBÉ, que assumirá papel de guardião dos recém-fanados, o FADE LANTE (tio); também participa no processo com intuito de proteger o seu sobrinho caso ele estiver participando no processo; participa também os membros de ancião para ensinar os fundamentos do FÓ; por fim é de extrema importância destacar o papel da mulher nesse processo, que vão servir como cozinheiras durante todo o processo.

No decorrer desse período, o foco da sociedade é exclusivamente esse evento, isso que pode tornar perigoso, porque a maioria dos membros do ancião vão passar mais tempo no local do acontecimento de FÓ, e a tabanca torna-se vulnerável a roubos, feitiçaria, agressões principalmente a mulheres, em contraposição a isso, é feito um sistema de controle de vigilância a estes possíveis acontecimentos, que é depositado em responsabilidade dos LAMBÉ, e estes são aqueles que já foram circuncidados anteriormente, e participam do atual processo de circuncisão, como nos relata Cammilleri (2010, p. 77):

O tempo do FÓ é considerado um momento central na vida de todo o grupo, de onde vão sair os novos guias das famílias e da sociedade. Os BRASA estão convencidos de que as forças maléficas poderiam comprometer o bom êxito de todo o ritual, por isso, para afastar os perigos derivados dos maus espíritos e sobretudo para desencorajar os que querem aproveitar-se deste momento de grande fervor religioso para tentar roubar gado, para agredir a mulheres dos que estão ocupados nos rituais, para praticar vinganças, incêndios, etc., monta-se um serviço de controle e de vigilância integrado pelos LAMBE que integraram no FÓ no grupo anterior. Esta atividade chama-se “ETHE NDAN” (cobra grande) e KANGURAN em língua crioula.

KANGURAN por sua vez, é aquele LAMBÉ que é conhecido com o bondoso que não pensa em fazer nada de mal ao outro, ele será submetido a um ritual onde passará a se mascarar de cabeça aos pés. A propósito disso, dessa aparência da forma como ele veste e seus movimentos perante a sociedade faz com que ele seja sempre temido por parte populacional e, obviamente, é isto que é esperado da parte dos preparadores do tal

KANGURAN. Eles passarão a movimentar do local do acontecimento do FÓ a aldeia que está realizando este tal evento a fim de vigiar toda comunidade.

4.3 KPAL (CASAMENTO)

Casamento refere-se a união de dois seres vivos que querem que seja do mesmo sexo ou de sexo diferente, isso é basicamente a sua definição apesar de ter outros vários conceitos.

Na etnia BALANTA, o casamento se dá através de um senso entre as famílias, isto é, a família do pretendente no caso homem, começa a fazer negociações desde cedo com a família da mulher. Estas negociações têm o seu determinado processo. Elas são feitas através de conversas entre os responsáveis familiares de ambas as partes, depois, como acontece de costume os familiares do homem pagam dote, que na maioria das vezes são animais, aguardentes (cachaças), vinhos assim por diante. Para mais detalhes trarei o relato feito pela YUNES de um casamento que ela presenciou na cidade de Mansoa (zona norte do país):

A cerimônia começou às sete da manhã. Os parentes já haviam passado a noite inteira em festa.

Dentro da casa a noiva recebe os conselhos das "mulheres grandes" (as mais velhas), conselhos este, que ensina como deve comportar-se, seus deveres e direitos de esposa. A noiva sai às dez da manhã e é levada a um "barraco" onde as 'só as mulheres grandes entram e primeiramente raspam seus cabelos, dão banho na noiva, a seguir a envolvem com um tecido branco e outro azul. Ao terminar ela retorna para dentro da casa toda coberta para que ninguém a veja. À tarde se dirige até a porta, onde um "homem grande", do lado de fora, faz toda uma cerimônia que se chama "casamento na porta". Os casamentos são realizados geralmente entre pessoas da mesma etnia (matéria extraído no blog ANNURA MAKANN, 2008).

É de salientar que os BALANTA são polígamos, isto deve-se as práticas tradicionais e culturais e até hoje em dia continuou o mesmo. Vale a pena ressaltar que essa prática de poligamia depende de um consenso entre a primeira esposa e o marido, até que, as mulheres BALANTA tradicionais aceitam esta prática de livre vontade. Confirma Yunes (2008, p. 13).

A poligamia é muito comum na África e a relação entre as esposas é sempre muito harmoniosa e se ajudam mutuamente. Na verdade é até desejado por elas que seu marido case com outras para ajudar nos deveres da casa, sendo a primeira mulher que possui a maior autoridade é ela quem escolhe as próximas mulheres de seu marido e divide os deveres.

Enfim, o casamento por sua vez é muito importante para uma mulher BALANTA, é ela que atribui prestígios à mulher dentro da sociedade, como acontece no caso de FANADO para os homens.

Figura 12 - KPAL: ritual do casamento: momento dos ensinamentos



Fonte: Cammilleri (2010).

4.4 DANÇA-FESTA TRADICIONAL (KUSSUNDE)

Kussunde, é uma das festas que fazem parte da cultura Brasa, tanto que tem outras como KANTA-PO, BROKSA e muito mais, mas como o foco do nosso trabalho não é sobre dança, só iremos falar superficialmente sobre esta festa que é uma das principais atividades que juntam pessoas de diferentes tabancas a fim de criar laços fraternais.

Normalmente a festa de Kussunde é realizada depois da colheita, e é uma festa que é feita através de competições dos grupos dos jovens que compõem a tabanca. A sua organização é atribuída aos chefes dos BLUFU NDAN e N'HAÉ, explica melhor Cammilleri (2010, p. 66):

O ksunde, esperado e participado por todos, organiza-se e desenvolve-se normalmente sob a responsabilidade do chefe do grupo dos blufu ndan e aos n'hae de cada aldeia reservado o papel de preparar cantos e as danças que serão apresentados durante a festa por grupo de jovens de diferentes aldeias, em desafio artístico, tentando cada um ganhar e afirmar sua superioridade.

Apesar de ser uma festa de competição e de superação, ela é definida de uma forma democrática, através do público presente, como ressalta Cammileri (2010, p. 66):

O júri que atribui a vitória não é uma comissão, mas sim toda a multidão de participantes na festa que, no fim do espetáculo, cercam como apoiantes os diversos grupos, saindo vitorioso aquele que for cercado pelo maior número de apoiantes. Os que perdem devem pagar uma emenda.

No final o grupo vencedor recebe o prêmio, quando for em dinheiro usam para fazer festa, que é aberta para todo mundo.

4.5 TOKA CHORO (RITUAL DEPOIS DA MORTE)

TOKA CHORO, na sua contextualização pode ser tomado como um ritual fúnebre que faz com que a “alma” do falecido descanse em paz no mundo do além. Como conta Reis (1991, p. 114), “os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espirito errante, um iseku. Tal como entre os iorubas, baiano devia estar limpo, bonito, cheiroso para velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos”.

Para os BALANTA, o TOKA CHORO é uma prática crucial, sendo ela o motivo de todo o esforço da parte da família (da pessoa que morreu) para sua realização, pois caso contrário, a família passa por azares, segundo a crença BALANTA. O TOKA CHORO, normalmente, pode ser realizado logo após a morte de um ente querido ou é marcando a data para sua realização, dependendo das condições da família ou da morança pertencente ao tal cadáver, porque todos ajudam na sua realização.

O TOKA CHORO, na sua prática propriamente dita, é feito através de cerimônias onde são sacrificados bois, porcos, cabras galinhas... etc, que são trazidos pelos familiares, amigos e comunidade do indivíduo morto. A sua finalidade é festejar o descanso da alma em boas condições no mundo do além, explica Siga (2015, p. 53), “na tradição BALANTA não acredita em existência da morte. Para eles a morte é uma viagem. Compreendem assim que nesse mundo só estão de passagem. Por isso nos atos fúnebres colocam muitos panos no chão como sinal de encomenda para os que estão de outro lado (os ancestrais)”. Nesta mesma linha de pensamento afirma Freud ([199-?] apud REIS, 1991, p. 73): “de modo incisivo, que ‘o objetivo derradeiro da vida e sua própria extinção’. Mas existem maneiras cultural e historicamente situadas de homens e mulheres encararem seu destino derradeiro”.

Por outra vertente, TOKA CHORO não é só uma cerimônia ou um ritual de passagem por outro mundo, mas sim, ele também é uma festa. No evento de TOKA-CHORO não se vê pessoas tristes pensando na morte como os seres humanos o encerra, mas sim pessoas felizes comendo dançando e bebendo as vezes se encontra pessoas imitando os costumes e práticas do falecido, levando em conta que este (falecido) está feliz aonde quer que esteja. Estas mesmas finalidades se verificavam no interesse baiano em relação ao que diz respeito ao cortejo fúnebres, confirma Reis (1991, p. 137):

Confirmando o interesse baiano pela morte, Thomas Lindley escreveu que entre o “principal divertimento do cidadão” se contavam os “suntuosos funerais” e as festas da semana santa celebrados “ com grandes cerimônias, concreto completo e frequentes procissões”. Também o príncipe Maximiliano, que esteve na Bahia em 1827, referiu-se a serenatas, procissões religiosas cortejos fúnebres num mesmo parágrafo do seu diário. Para os baianos morte e festa não se excluía.

A depender das condições financeiras dos familiares, o TOKA CHORO pode ser feito várias vezes, isto tem por fim não esquecer do ente querido, que vai ser passado de geração a geração.

Figura 13 - TOKA-CHORO: ritual funerário



Fonte: Cammilleri (2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco deste trabalho é descrever como os BALANTA se organizam social e culturalmente em seus territórios, além do mais o trabalho traz também a questão política, isto é, como se dá o sistema político BALANTA. A etnia BALANTA é a etnia com maior número populacional na Guiné-Bissau, a propósito, tem suas formas culturais diferentes das outras etnias existentes na Guiné-Bissau. Devido às miscigenações étnicas que se vivencia na Guiné, (filho de pai Mandinga e mãe BALANTA) criou misturas culturais de etnias diferentes, até chegou ao ponto de algumas etnias terem sido sucumbidas pelas outras, como acima citamos, o caso de Padjadincas que hoje em dia são vistos como Mandingas ou Fulas, para efeito, é de extrema importância constatar se esse fenômeno afetou ou alterou alguma forma do conviver cultural dos BALANTA. OS BALANTA ainda preservam sua cultura, apesar desta preservação ser mais consistente nas tabancas (aldeias), até hoje em dia verifica-se que as pessoas da etnia BALANTA onde quer que estejam sempre iam cumprir as demandas culturais, um exemplo disso é a questão de circuncisão, que este ano mesmo (2017) houve muita aderência das pessoas em cumprimento desse ritual cultural que é muito crucial.

Quanto à questão social, ainda hoje em aldeias são conservadas a questão da integração do indivíduo na sociedade de ambos sexos. Até nas cidades se verifica a prática de “raagma” que é mestra e conselheira, que quando uma menina chega na fase de FULA NDAN é transferida para casa de uma “raagma” a fim de ser criada pela tal. “Os Brasa estão convencidos de que se a mãe não se separar da filha e está por acaso se tornar excessivamente caprichosa e extravagante, a culpa recairá sobre a mãe que considerada demasiado possessiva” (CAMMILLERI, 2010, p. 47).

No que diz respeito à questão política, ainda não se verifica um régulo BALANTA, isto quer dizer que o estatuto mantém o mesmo, ainda os fins da sociedade são decididas pelo grupo de anciãos.

No que toca à religião, os BALANTA ainda realizam suas cerimônias e continuam a acreditar no Deus N’GHALA. Apesar de muitos BALANTA serem católicos, muçulmanos e evangélicos, quando chega o momento crucial nas suas vidas estes convertidos não hesitam a recorrer à feitura de cerimônia como demanda à religião dos BALANTA.

Este trabalho ajudou-me a enriquecer os conhecimentos na cultura BALANTA, porque de antemão eu tinha uma visão superficial sobre os BALANTA. Também, deparei com algumas dificuldades na feitura deste trabalho tendo em vista a escassez dos materiais.

Mesmo assim, consegui algumas às informações pertinentes. Enfim, creio que este trabalho ajudará os que querem conhecer a vida social dos BALANTA, sobretudo os que querem pesquisar sobre os mesmos.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moemia Parente. **O desafio do escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria.** Lisboa: Avante, SARL, 1984.
- CABRAL, Amílcar; ANDRADE, Mário de. **Unidade e luta.** [S. l.], 1978.
- CALLEWAERT, Inger. Fyere Yaabte: um movimento terapêutico na sociedade Balanta. **Soronda: revista de estudos guineenses**, Bissau, n. 20, jul. 1995. Disponível em: <<http://www.biblio.bolama.net/BookLibrary/Fyere-Yaabte-um-movimento-terapeutico-de-mulheres-na-sociedade-balanta.html>>. Acesso em: 07 ago. 2015.
- CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo balanta.** Lisboa: Colibri, 2010.
- CARDOSO, Carlos. Kiyang-yang uma nova religião dos Balantas? **Soronda: revista de estudos guineenses**, Bissau, n. 10, jul. 1990. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Catalog/ShowRecord.aspx?MFN=86659>>. Acesso em: 29 out. 2016.
- DRIF, Roy Van Der. O desenvolvimento da produção e do consumo entre os Balanta da aldeia de Foia, no sul da Guiné-Bissau. **Soronda: revista de estudos guineenses**, Bissau, n. 9, jan. 1990. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Catalog/ShowRecord.aspx?MFN=86632>>. Acesso em: 29 out. 2016.
- GUINÉ-BISSAU: mapa. [San Jose, Estado Unidos], 2014. Disponível em: <<http://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau>>. Acesso em: 29 out. 2016.
- HANDEM, Diana. O arroz ou a identidade balanta brassa. **Soronda: revista de estudos guineenses**, Bissau, n. 1, p. 55-67, jul. 1986. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Catalog/ShowRecord.aspx?MFN=120565>>. Acesso em: 03 set. 2016.
- IMBALI, Faustino. Um olhar sobre sistema alimentar balanta: o caso das tabancas de Mato Foroba e Cantone. **Soronda: revista de estudos guineenses**, Bissau, n. 14, p. 03-27, jul. 1992. Disponível em: <<http://www.inepbissau.org/LinkClick.aspx?fileticket=gy19bSoM%2f1M%3d&tabid=61&mid=393>>. Acesso em: 06 ago. 2015.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DA GUINÉ-BISSAU. **País.** [Bissau], 2015. Disponível em: <<http://www.stat-guinebissau.com/>>. Acesso em: 03 set. 2016.
- LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1986.
- MENDY, Peter Karibe. A herança colonial e o desafio da integração. **Soronda: revista de estudos guineense**, Bissau, n. 16, p. 3-37, jul. 1993. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Catalog/ShowRecord.aspx?MFN=86611>>. Acesso em: 29 out. 2016.
- OLIVEIRA, Olavo Borges; HAVIK, Philip J.; SCHIEFER, Ulrich. **Armazenamento tradicional da Guiné-Bissau- produtos, sementes e celeiros-Bissau.** Lisboa: Munster, 1996.

REIS, João. **A morte é uma festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RITH, Ttchogue. **FREHU-N-FLIF N° 13**: a composição da família na cultura balanta. [Oslo], 16 jun. 2013. Disponível em: <<http://tchogue.blogspot.com.br/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

_____. **Pascoal na Quidama (rei de Broksa)**. [S. l.], 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NhRyiF0WmuM>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos balanta**: usos, costumes e rituais. 2015. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015.

SILVA, Francisco Henriques da; SANTOS, Mário Beja. **Da Guiné-Portuguesa à Guiné-Bissau**: um roteiro. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2014.

SIMÕES, Landerset. **Babel negra**: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné. Porto: O Comércio do Porto, [1935?].

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica do descobrimento e conquista da Guiné**. Sintra: Publicações Europa-América, [1989?].